

ATO

escola de
psicanálise

Ano 9, n. 9 | p. 1-160 | 2023
ISSN: 23594063

O INCONSCIENTE É A POLÍTICA

Imagem: Pieter Bruegel

Revista da ATO – escola de psicanálise | Belo Horizonte
O inconsciente é a política
Ano 9, n. 9 | p. 1-160 | 2023
ISSN: 23594063

Copyright © 2023 by ATO – escola de psicanálise

COMISSÃO DA REVISTA

Maria de Fátima Andrade Chadid
Marília Pires Botelho
Viviane Gambogi Cardoso

CONSELHO EDITORIAL

Crasso Campanha Parente
Labibe Alcon Mendes
Marília Dantas
Rosana Scarponi Pinto
Sirlene Vieira da Cruz

O inconsciente é a política / Revista da ATO – escola de psicanálise. – Ano 9, n.9, 2023. – Belo Horizonte, 2023.

v.
Anual
Inclui bibliografia.
ISSN: 23594063

1. Periódicos. 2. Psicanálise – Periódicos. I. ATO – escola de psicanálise.

CDD: 157.25
CDU: 616.891.6

PRODUÇÃO GRÁFICA E DIAGRAMAÇÃO Júnior Sena

CAPA E SITE Andréa Silveira

REVISÃO GRAMATICAL DE PORTUGUÊS E FORMATAÇÃO Regina Gambogi Alkmim

NORMALIZAÇÃO DAS REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS Igor Alcântara

ATO

escola de
psicanálise

Rua Padre Odorico, 128 | sala 701 | São Pedro
CEP: 30330-040 | Belo Horizonte | MG | Tel: (31) 3241-1255
www.atoescoladepsicanalise.com.br | ato@atoescoladepsicanalise.com.br

SUMÁRIO

Escrita preliminar

11

O inconsciente, é a política

Eduardo Vidal

Escritas mais, ainda

23

Diferença sexual, corpo e feminino

Ana Maria Fabrino Favato

39

Da “a anatomia é o destino” ao “o inconsciente é a política”

Maria de Fátima Chadid

Marília Pires Botelho

55

A anatomia é o destino

Maria Luiza Bassi

65

Nos confins da fantasia

Margareth Almeida Khattar

Wagner Siqueira Bernardes

71

O sujeito bebê e o mal-estar do diagnóstico

Marcilena Assis Toledo

Da clínica

91 *Quando a escuta nos aproxima daquele que faz parte da Geração do Quarto*
Luciene Pereira Miranda de Moraes

103 *Tempo, Interpretação e Sexualidades Trans*
Pedro Braccini Pereira

Interseção

125 *Lacan e a configuração borromeana das instâncias RSI – análise de um conto de Clarice Lispector.*
Guilherme Ribeiro Joaquim

147 *Normas de publicação*

EDITORIAL

Partimos da frase de Lacan “O inconsciente é a política” para nortear nossos trabalhos de 2022. Frase enigmática, que se desdobra em muitas leituras, embora possamos destacar a que se propõe a psicanálise com o inconsciente como discurso do Outro. A política se apresenta pelo viés da ética da psicanálise, da política do não-todo, da política da falta-a-ser e do desejo do analista. Vidal finaliza seu artigo, que abre os trabalhos desta revista, com a seguinte conclusão: “O inconsciente é uma invenção de Freud que ex-siste na psicanálise como discurso. Ao dizer ‘o inconsciente é a política’, Lacan restitui a função da marca e a dimensão da falta no que, hoje em dia, se articula como laço social entre os seres falantes”.

Essa frase de Lacan advém de variações de duas outras tão mais polêmicas e enigmáticas: a de Freud, “a anatomia é o destino”, e a de Napoleão Bonaparte, “a política é o destino”. As duas frases portam, no contexto em que foram pronunciadas, a marca da falta, os restos e a queda das identificações. Restos de uma civilização em declínio ou em transformação, mas que trazem a questão da estrutura da sexuação em sua ligação com o social. Um sentido se desarticula, desde a origem da sentença, com o deslocamento

dado por Freud, partindo de Napoleão, até chegar a Lacan.

Lacan, em sua variação da frase, traz o que do inconsciente é real. Associa inconsciente e política e, ao mesmo tempo, mostra o corte entre um e outro. O significante destino cai, já não há Outro, em que a representação pode se prender. Vidal nos diz: “Não se trata mais de anatomia: o corpo se torna sexuado por um dizer, em um momento lógico em que cai o termo destino, logo que não há Outro para sustentá-lo.”

Os textos desta edição conversam entre si, cada qual abordando algum aspecto diferente e relevante, a partir desse mote provocado por Lacan, cuja contribuição foi levar a psicanálise a prosseguir com sua ética do desejo. Identificação, discursos, gozo, sexualidade, desejo do analista, ética da psicanálise, laço social foram os subtemas levantados para direcionar o nosso trabalho de escola. A Revista da ATO é resultado da ética, da clínica, da interlocução com outros saberes e do trabalho incansável de transmissão.

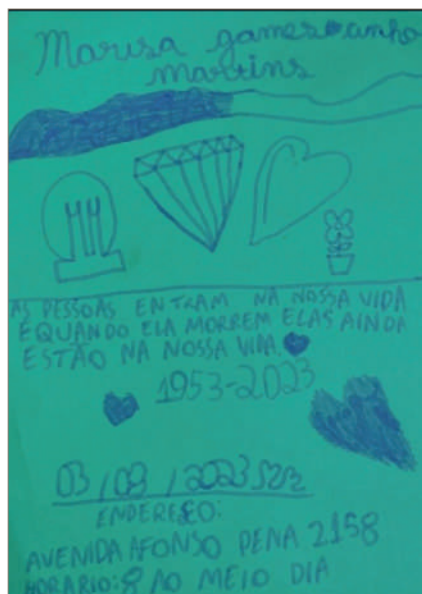
Boa leitura!

Viviane Gambogi Cardoso

Nós da Comissão da Revista da ATO, membros e participantes da ATO – escola de psicanálise gostaríamos de prestar uma homenagem póstuma a nossa querida Marisa Cunha, colega, amiga e trabalhadora na transmissão da psicanálise. Ela foi integrante da Comissão da Revista da ATO e sempre contribuiu, com muita dedicação, com os nossos espaços de trabalho. Queríamos agradecer-lá por tudo e dizer que sua marca ficou para prosseguirmos em nossas buscas. Vamos homenageá-la com a escrita de Labibe Mendes:

Adeus, amiga querida!

Vou pegar carona na escrita do Francisco, netinho de Marisa: “as pessoas entram na nossa vida e, quando elas morrem, elas ainda estão na nossa vida”.



Francisco, tão pequeno ainda, nos fala do laço amoroso, daquilo que não morre, e que nos entranha, inscrição da pulsão de vida em nós. São esses traços que carregamos que movimentam a nossa existência e nos permitem tocar o outro sem estranhamento, pelo sorriso, pela palavra, pelo olhar ou pelo toque, numa costura amorosa. Marisa permitia essa amarração, acolhia e fazia morada. Em nosso último encontro, fui tocada, quando me disse: nós da Ato somos família, Labibe! Assenti afagando os seus pés. Nos três primeiros dias, embora ausente esteve muito presente a todo instante, e, com certeza, isso aconteceu com cada uma de nós, membros da Ato, “Aqueles que amamos quando partem, permanecem!”



ESCRITA PRELIMINAR



O inconsciente, é a política¹

Eduardo Vidal²

A sentença é pronunciada apenas uma vez por Jacques Lacan, na sessão de 10 de maio de 1967, do seu Seminário “A lógica do fantasma”. A frase é o produto de uma série de transformações das quais a polêmica sentença freudiana: “a anatomia, é o destino” constitui um meio termo.

Em “O Seminário XIV”³, a frase aparece como corolário de um comentário de Lacan sobre o relato estabelecido por Edmund Bergler entre a fase oral e a emergência de um desejo masoquista de ser rejeitado. Em primeiro lugar, o que significa “ser rejeitado”? Em segundo lugar, por que atribuir a essa proposição o sentido de um desejo masoquista? Ser rejeitado – aponta Lacan – pode ter outro significado como no caso de certas comarcas asiáticas –, no seminário há outras referências à guerra do Vietnã, que adotam a posição de recusar os benefícios oferecidos pelo capitalismo.

1 Este artigo foi elaborado para uma revista francesa: Carnets de EPSF, École de Psychanalyse Sigmund Freud. E foi traduzido do francês para o português por Alex Idrissou, com a autorização do autor, para a revista da ATO. O artigo foi apresentado pelo autor e debatido, no seminário de Leitura de Freud e Lacan na ATO – escola de psicanálise, em agosto de 2022.

2 Psicanalista. Membro da Escola Letra Freudiana

3 LACAN, Jacques. Seminário A lógica do fantasma, sessão de 10/05//1967. Edições da Associação Lacaniana Internacional, 2004.

Para o analista, não se trata de compreender e, sobretudo, de compreender muito rápido. Sua posição deriva da ação do significante, na medida em que representa um sujeito para um outro significante, sem poder significar a si mesmo. Fato de estrutura que exige que o analista se atenha ao trabalho da letra no inconsciente.

Rastrear o inconsciente supõe lê-lo, na descontinuidade de sua aparição, no discurso, sabendo que Freud – e depois Lacan – estavam sempre dispostos a reescrevê-lo cada vez que o real da experiência o exigisse. O inconsciente é o corte em ato, onde ressoa o resto de uma palavra que não se quer saber. É, justamente, do efeito da fala sobre o sujeito que Lacan pôde enunciar o inconsciente estruturado como uma linguagem, o que seria, em seu próprio enunciado, um pleonasma, pois a estrutura já é efeito da linguagem.

Recordemos que, por um desconhecimento da estrutura, a afirmação de Freud: o inconsciente não conhece a contradição foi retomada, muitas vezes, como uma propriedade ou uma qualidade do inconsciente. Freud, com esse enunciado, abre caminho para uma lógica que, exigida pelos fatos do inconsciente, não derruba as precedentes, mas as leva a encontrar seu próprio fundamento, uma lógica que não se estabelece por uma convenção, mas pela necessidade para um dispositivo de escrita. O inconsciente deve se alojar em uma lógica a ser tomada na articulação significante de onde vem o axioma: o significante não poderia significar a si mesmo, axioma que possibilita a operação da passagem do significante à sua forma mínima, a letra.

Onde situar no trabalho do sonho, *die Traumarbeit*, a significação, *die Bedeutung*? *In der Sprache der Zeichenbeziehung*, na língua da relação entre os signos. O sonho constitui um texto cuja operação de uma *Bedeutung* leva a pensamentos inconscientes na medida em que eles se articulam de um “eu não sou”. É o caminho lógico que permite questionar o Outro na suposição da sua existência. O Outro é questionado: não basta dizer que ele não existe, é preciso fazer a transição para a escrita. O que está escrito é a barra sobre o Outro, e isso significa que a experiência analítica só pode se sustentar a partir de um Outro marcado: S(*A*). Isso resulta na operação de uma *Bedeutung* furada, aquela que mostra seu fracasso de articular qualquer coisa que seja do sexo. E, ainda, o inconsciente fala “do sexo”, mas o que ele diz? Ele diz que não há ato sexual que possa ser inscrito em um sistema lógico. Formulação que antecipa o dizer de Lacan de que não há relação sexual.

Por sua vez, Freud nunca deixou de articular e rearticular a relação do inconsciente com o sexo, de um modo *mordicus*, conforme a expressão de Lacan, na sessão do “Seminário XI”, onde ele propõe: “a realidade do inconsciente, é – verdade insustentável – a realidade sexual.” “Por que, direi eu, verdade insustentável?”⁴ pergunta-se Lacan.

A versão publicada de “O seminário XI: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise” suprimiu a frase “darei eu” e também o seguinte: “Bem, precisamente, é nesse que

4 LACAN, Jacques. Transcrição do Seminário Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise, sessão de 29 de abril de 1964.

a realidade sexual, a sexualidade, o mínimo que podemos dizer é que não sabemos tudo”⁵. Insustentável, a relação do inconsciente com o sexo é uma verdade impossível de sustentar, uma questão do real. Esse buraco no Outro – do não-saber-tudo – se escreve em uma escrita topológica. É apenas por um corte no *cross-cap* – o oito interior é a escrita disso – que o inconsciente e a sexualidade se ligam. No centro da elaboração lógica do conceito de inconsciente, emerge a sentença de Lacan, no parágrafo de “O Seminário XIV” que retomamos:

[...] se Freud escreveu em algum lugar que ‘anatomia é o destino’ há talvez um momento em que, quando tivermos retornado à percepção saudável daquilo que Freud descobriu para nós, diremos – eu nem digo “a política, é o inconsciente”, mas simplesmente O inconsciente é a política! ⁶

E Lacan continua: “o que une os homens entre eles, o que os opõe, é justamente a motivar pelo que estamos tentando no momento de articular a lógica” (LACAN, 2004, p. 360). Sempre entendemos que a política é uma questão de seres falantes. No entanto, a sentença de Lacan destaca a política como uma questão do *parlêtre*, *falasser*, na medida em que é assumida com a responsabilidade de ser habitada pelo inconsciente. E isso pressupõe uma estreita ligação entre fala e política. Não é questão de pensar um inconsciente políti-

5 LACAN, Jacques. Transcrição do Seminário Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise, sessão de 29 de abril de 1964.

6 LACAN, Jacques. Seminário A lógica do fantasma, sessão de 10/05/1967. Edições da Associação Lacaniana Internacional, 2004, p. 360.

co, o inconsciente não faz semblante. E, se Lacan também disse a frase no sentido inverso, é para trazer à tona a não equivalência entre o inconsciente e o político, sublinhada novamente pelo operador gramatical, *c'est* que garante uma ordem precisa entre os termos. Se, em 1967, a sentença de Lacan apontava para o desconhecimento entre os analistas da radicalidade do inconsciente freudiano e de sua incidência no mal-estar na cultura, hoje, sob o império da comunicação – das mensagens do Twitter às *fake news*, o rastro do sujeito se esvai – a sentença fala da urgência da política, como campo mínimo reduzido à letra em sua materialidade, e tem seus efeitos sobre o corpo falante. E, aqui, Lacan retoma a frase de Freud: “a anatomia é o destino”.

Em dois textos, Freud escreveu a frase que suscita tantas objeções: “Sobre a mais geral degradação da vida amorosa”, de 1912, e “O naufrágio do complexo de Édipo”, de 1924.

Em 1912, Freud escreveu: “Poderíamos dizer, variando uma sentença conhecida do grande Napoleão: ‘a anatomia é o destino’”. “*Man könnte hier ein bekanntes Wort des grossen Napoleon variierend sagen: die Anatomie ist das Schicksal*”.⁷

Em 1924, Freud escreveu:

A reivindicação feminista por direitos iguais entre os sexos não tem grande impacto aqui, a diferença morfológica deve

7 FREUD, Sigmund. “*Über die allgemeinsten Erniedrigung des Liebeslebens*”. In: *G.W.*, vol. VIII. S. Fischer, 1975, p. 90. Sobre a mais geral degradação da vida amorosa..

se expressar na diversidade do desenvolvimento psíquico. A anatomia é o destino, variando uma sentença de Napoleão. *Die feministische Forderung nach gleichberechtigung der geschlechter trägt hier nicht weit, der morfologische Unterschied muss sich in Verschiedenheit der psychischen Entwicklung äussern. Die Anatomie ist das Schicksal, um ein Wort Napoleons variieren.*⁸

A sentença aparece em contextos bastante diferentes. Na primeira citação, correlaciona-se com o ditado: *inter urinas et feces nascimur*, denotando uma ligação íntima e insuperável entre o sexo e os resíduos do corpo. É o corpo do Outro do qual o recém-nascido acaba de nascer. Não há pureza idealizadora para o ser falante porque, desde seu nascimento, ele nada nas águas dos resíduos, restos sobre os quais se apoia o objeto perdido do gozo.

Em 1924, a sentença surgiu nos avatares do complexo de Édipo da menina. Freud acabara de estabelecer a relação entre a assunção da posição sexuada e a estrutura simbólica do complexo de Édipo, correlacionada com a primazia do falo. Parece que Freud considera a diferença sexual anatômica como um real que, em segundo plano, não se deixa encobrir completamente pelo simbólico, determinando, em última instância, o destino do ser sexuada. A anatomia não é nem o natural nem o conhecimento do órgão, como em Ernest Jones ou em Melanie Klein. Para Freud, é a insistência de um resíduo imutável que deixa sua marca no inconsciente. Essa é a resposta freudiana à verdade insustentável.

8 FREUD, Sigmund. “*Der Untergang des Oedipuskomplexes*”. In: *GW.*, vol. XIII, S. Fischer, p. 400. O naufrágio do complexo de Édipo.

Lacan lê o termo em sua escansão: *a*-natomia. O objeto *a*, produzido pelo corte, é o destino. Uma aparência de destino que se esvai sob a fixidez do fantasma. A escrita $\mathcal{S} < > a$ – o losango ali articula as operações lógicas de alienação e separação – assegura o corte do sujeito do objeto *a* que tampona a divisão.

A frase de Napoleão, pronunciada na entrevista com Goethe, em 2 de outubro de 1808, em Erfurt, foi relatada pelo escritor em “Conversas com Eckermann” e posteriormente publicada nos escritos autobiográficos do autor. Goethe descreve o encontro com Napoleão, como se fosse uma *mise-en-scène*, onde eram definidos previamente os personagens, os ditos, o lugar e o tempo da ação.

Napoleão tinha uma grande admiração pelo gênio literário de Goethe, seu “Werther” o acompanhara em sua campanha no Egito. No entanto, ele não se absteve de dirigir ao autor algumas observações críticas sobre a falta do natural em certas passagens da obra. Goethe aceita a crítica, mas ele considera que o escritor tem a licença poética para escrever com procedimentos literários que, apesar de seu artifício, são necessários para a construção da ficção. A resposta parece agradar a Napoleão.

O imperador – “um homem que julgou com grande atenção a cena trágica, como um juiz de instrução”, escreve Goethe – viajava com a trupe da Comédia Francesa que, na época, encenava peças de Racine e de Voltaire numa demonstração do poder político e cultural da França. Interessado na discussão da cena teatral moderna, Napoleão não escondia

seu desgosto pela transposição da tragédia antiga para o teatro de seu tempo. Não havia mais tempo para as tragédias do destino: “O que queremos hoje com o destino? A política é o destino”. “*Was will man jetzt mit Schicksal, die Politik ist das Schicksal*”.⁹

Hegel pensa que a frase produz uma inversão radical no quadro da política e da filosofia: para o homem moderno não há mais nenhum destino sob o qual ele sucumba. A política tomou o lugar do destino. O sujeito substitui o destino previamente traçado pelos deuses; ele se torna responsável por seu ato.

A frase de Napoleão se espalhou pelo século XIX. Freud a transpõe, para o discurso da psicanálise, produzindo sua variação com a substituição do termo “política por anatomia”. A sentença “a anatomia é o destino” – “*l’anatomie, c’est le destin*” – não exime o ser falante de sua responsabilidade diante do real do sexo.

No entanto, a substituição significativa não suprime a marca que retorna em outro lugar. O termo política, por meio de um “cruzamento de ressonâncias” – segundo a expressão de Jean-Claude Milner – volta na sentença de Lacan. Não se trata mais de anatomia: o corpo se torna sexuado por um dizer, em um momento lógico em que cai o termo “destino”, logo que não há Outro para sustentá-lo.

9 GOETHE, Johann Wolfgang von. *Unterredung mit Napoleon: 1808 September*. In: *Goethes Werke Band X: Autobiographische Schriften II*. 12. Aufl. München: Verlag C. H. Beck. *Autobiographische Einzelbeiten*, 2002, p. 543-547.

O inconsciente é uma invenção de Freud que ex-siste à psicanálise como discurso. Ao dizer “o inconsciente é a política”, Lacan restitui a função da marca e a dimensão da falta no que, hoje em dia, se articula como laço social entre os seres falantes.

Referências

FREUD, Sigmund. “Über die allgemeinste Erniedrigung des Liebeslebens”. In: *G.W.*, vol.VIII. S. Fischer, 1975, p. 90. Sobre a mais geral degradação da vida amorosa.

FREUD, Sigmund. “Der Untergang des Oedipuskomplexes”. In: *GW.*, vol. XIII, S. Fischer, p. 400. O naufrágio do complexo de Édipo.

GOETHE, Johann Wolfgang Von J. Unterredung mit Napoleon: 1808 September. In: *Goethes Werke Band X: Autobiographische Schriften II*. 12. Aufl. München: Verlag C. H. Beck. Autobiographische Einzelbeiten, 2002, p. 543-547.

LACAN, Jacques. Seminário A lógica do fantasma, sessão de 10/05/1967. Edições da Associação Lacania-na Intenracional, 2004. p. 360.

LACAN, Jacques. Transcrição do Seminário Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise, sessão de 29 de abril de 1964.

Obras consultadas

GOETHE, Johann Wolfgang Von. Conversations de Goethe avec Eckermann. In: LE RIDER, Jacques. *Préface aux écrits autobiographiques*. Paris: Bartillat, 2001, p. 68.

GOETHE, Johann Wolfgang Von. Entretien avec Napoléon. In: LE RIDER, Jacques. *Écrits autobiographiques*. Paris: Bartillat, 2001, p. 516.

MILNER, Jean-Claude. *Pour une politique des êtres parlants*: court traité politique 2. Paris: Verdier, 2011, p. 87-89.



ESCRITAS MAIS, AINDA



Diferença sexual, corpo e feminino

Ana Maria Fabrino Favato¹

Resumo: Este artigo retoma as questões da diferença sexual abordadas pela ciência, pela psicanálise e pelas teorias de gênero e mostra como os corpos, o sexo e o gênero foram interpretados segundo o espírito de um tempo. A diferença sexual nem sempre foi reconhecida como tal, apesar da presença anatômica e o modelo reinante da ciência, durante séculos, foi de dois gêneros e um único corpo. A psicanálise parte da constatação de que no inconsciente não há diferença anatômica, não há diferença de gênero, não há masculino e feminino. Diante da diferença sexual, o sujeito é confrontado com lugares vazios de definição do masculino e do feminino e não há saber possível que diga o que é o sexo. Com a perspectiva do inconsciente, a relação do sujeito com seu sexo é psíquica e se desloca para outra cena que não a anatomia e a construção política e social. O que vai então marcar para a psicanálise a diferença entre o masculino e o feminino é o modo como cada um inscreve a castração e o modo como cada um obtém a satisfação pulsional, o gozo.

Palavras-chave: Diferença sexual. Gênero. Feminino.

1 Psicanalista. Membro da ATO – escola de psicanálise.

História da diferença sexual

Quando pensamos na diferença sexual, parece óbvio que a biologia defina os sexos. Mas o que o sexo pode realmente significar? Para definir o sexo, o modelo reinante da ciência, durante séculos, foi de dois gêneros e um único corpo. Que consequências podemos extrair desse discurso da ciência até o surgimento da psicanálise?

A maneira de se interpretar os corpos, o sexo e o gênero, porta a marca do espírito de um tempo. O movimento contemporâneo de livrar-se das normas de gênero se inscreve dentro de um processo histórico. A esse respeito, os estudos de gênero não fazem exceção. Eles se inscrevem também em sua época, final do século XX e início do XXI, em que Judith Butler, Monique Wittig e outros teóricos do gênero procuraram romper com a marca de dominação do Outro, para se definirem unicamente a partir de uma relação do corpo e da sexualidade consigo mesmo. Para Wittig, citado por Clotilde Leguil, “*c’est l’oppression qui crée le sexe et non l’inverse*”² (WITTIG, 2001, p. 38³ *apud* LEGUIL, 2015, p. 31).

É preciso ver o momento atual por um retorno a um momento anterior, pois a diferença sexual nem sempre foi reconhecida como tal, apesar da presença anatômica. Reconhecer a diferença sexual depende de certas condições

2 “[...] é a opressão que cria o sexo e não o inverso” (Tradução nossa).

3 WITTIG, Monique. *La pensée straight*. Paris: Éditions Amsterdam, 2001.

culturais e históricas e supõe fazer o luto do modelo unissex do corpo único para homens e mulheres. A utopia unissex faz parte de uma pré-história da diferença sexual com consequências psíquicas, sociais, culturais e morais.

Thomas Laqueur (2001), professor de história da Universidade da Califórnia, em Berkeley, autor do livro “Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud”, foi tomado por uma grande surpresa, que mudaria completamente seu plano de pesquisa. Em busca de material histórico sobre os nascimentos – para escrever sobre o ciclo da vida –, deparou-se com o fato do orgasmo feminino, uma ocorrência corporal comum, tornar-se um grande problema da fisiologia moral. Considerado fundamental para a ocorrência da gestação no século XVII, o prazer feminino desaparece com o advento da ciência médica. O coito com mulheres insensíveis indicava que a mulher não só não precisa sentir prazer para conceber como não precisa nem mesmo estar consciente. O orgasmo deixa de ser relevante para a geração e fica restrito à periferia da fisiologia feminina como acidental, dispensável, um bônus contingente do ato da reprodução. O prazer feminino, considerado contingente e independente da reprodução, interpretado como passividade e “falta de paixão”, criou espaço para a natureza sexual da mulher ser redefinida, debatida, negada ou qualificada.

Toda essa concepção de “falta de paixão” advém do Iluminismo e é a exata inversão de noções desde a Antiguidade Clássica, que ligava a amizade e o amor ao saber aos homens, e a sensualidade às mulheres. As mulheres, cujos

desejos não conheciam fronteiras no antigo esquema, tornam-se, no Iluminismo, criaturas com uma vida anestesiada dos prazeres carnis. Portanto, a presença e a ausência do orgasmo tornaram-se um marco biológico da diferença sexual.

Com relação ao corpo feminino e ao masculino, essa diferença não se impôs inicialmente. Durante milhares de anos acreditou-se que as mulheres tinham a mesma genitália que a dos homens; a delas fica dentro do corpo e não fora. Galeno (129-216 d.C.) demonstrou com detalhes que as mulheres eram essencialmente homens e que, por uma falta de calor vital e perfeição, as estruturas que no homem são visíveis na parte externa ficaram retidas dentro do corpo feminino. Laqueur cita Aristóteles: “embora sejam de sexos diferentes, em conjunto, são o mesmo que nós, pois os que estudaram com mais afinco, sabem que as mulheres são homens virados para dentro” (ARISTÓTELES⁴ *apud* LAQUEUR, 2001, p. 16).

Aristóteles não precisava dos fatos da anatomia para dizer sobre o homem e a mulher. Dentro de sua metafísica, a fêmea representava a causa “material”; o macho, a causa “eficiente”. A causa material é de natureza passiva, assim, a matéria pura não é sujeito, nem objeto, nem coisa, nem ser, não tem forma, é inferior. A causa eficiente, por outro lado, é a causa primeira, indica o próprio movimento que dá origem ao ser e que dá origem à criação. “O homem

4 ARISTÓTELES (384 a.C. – 322 a.C.).

como a medida de todas as coisas” (PROTÁGORAS, 490 a.C. – 415 a.C.) não permite a existência da mulher enquanto categoria ontológica distinta.

É por volta do século XVIII que a natureza sexual humana mudou, e as distinções biológicas constatáveis foram expressas em uma retórica radicalmente diferente. O antigo modelo baseado em grau de perfeição metafísica e de calor vital, tem, no final do século XVIII, um novo modelo de dimorfismo radical e de divergência biológica. Mas retoma-se à natureza fisiológica para explicar o fato de as mulheres serem mais passivas, conservadoras, indolentes e variáveis. As células masculinas eram consideradas catabólicas, ou seja, despendiam energia; e as células femininas eram consideradas anabólicas, armazenavam e conservavam energia.

Outro aspecto, bem mais geral, da mudança no significado da diferença sexual advém da cultura. Natureza e cultura se entrelaçam, e a biologia é compreendida como o fundamento epistêmico das afirmações consagradas sobre a ordem social. A visão dominante do século XVIII era de que há dois sexos estáveis, incomensuráveis e opostos, e isso ditava, de certa forma, a vida política, econômica, cultural dos homens e mulheres e seus papéis no gênero.

Laqueur faz uma análise ao avesso e diz que o gênero, como categoria cultural, era muito importante, fazia parte da ordem das coisas, por isso, primário e real. O sexo, por outro lado, era fenômeno secundário. Sexo e gênero, por muito tempo, existiram num “modelo de sexo único”, de corpo

único, portanto, a diferença sexual na verdade era a diferença de gênero. Nesse modelo, o nome “mulher” designa o gênero, uma categoria oca, vazia, uma cavidade, um buraco e não há o corpo no feminino; o nome “homem” designa a norma. Ser homem ou mulher era manter uma posição social, um lugar na sociedade, assumir um papel cultural.

“Inventando o sexo” é a história da interpretação do corpo feminino na civilização. Laqueur argumenta que a epistemologia e os movimentos revolucionários políticos, culturais e econômicos do século XVIII não causaram a construção de um novo corpo sexual. Historicamente, quando se tentou dizer sobre o sexo, a reivindicação sobre gênero vinha em socorro no contexto da luta entre gênero e poder. Ou seja, os fundamentos do sexo baseados no corpo eram profundamente implicados na política do gênero.

É onde entram os estudos de gênero, com um desejo de romper com toda referência anatômica e toda definição do ser ou do gênero que venha a partir da norma masculina ou da matriz binária. Encontra-se nesses estudos uma aceitação da diferença sexual, mas para pôr em questão a própria norma, na medida em que esta estabelece padrões que limitam e organizam a compreensão do homem e da sexualidade. Wittig reconhece que a diferença sexual como gênero encobre o exercício do poder e da dominação masculina. Para essa autora, os que afirmam o primado da diferença sexual são considerados como agentes da dominação, que usam a linguagem, o significante, o discurso como ferramentas de poder. Nesse sentido, a sexualidade e o corpo

ganham contornos simbólicos e imaginários sem a consideração da dimensão real do sexual, dimensão que não se articula no simbólico.

Podemos dizer que o que aparece, portanto, como revolução, porta o traço do antigo modelo unissex que não reconhece a diferença sexual, ficando esta última restrita apenas ao campo político e filosófico? Ao se desfazer do gênero, o projeto de definição do sujeito sexual pós-moderno busca suas bases nas práticas sexuais. Mas são somente as práticas sexuais que definem o sujeito sexual? As modalidades de satisfação de um sujeito se reduzem à vida sexual conhecida que é a dele?

Pensando com Lacan que o analista em sua prática jamais pode ceder em alcançar no horizonte a subjetividade de sua época, trazemos agora o horizonte da psicanálise com o corte subversivo que ela propõe. Um corte que não será nem sociológico, nem filosófico.

Entre centro e ausência

Para a psicanálise, o gênero é da ordem de uma posição subjetiva percebida na relação ao corpo e ao Outro. Cabe explicitar que esse Outro é a linguagem, mas também é o Outro sexo, e é com isso que o sujeito conta para se definir no sexo, muitas vezes sem consegui-lo, pois, mesmo havendo o Outro da linguagem, o Outro sexo como o feminino permanece um campo ignorado, um lugar de ex-sistência.

Partimos da constatação freudiana de que no inconsciente não há diferença anatômica, não há diferença de gênero,

não há masculino e feminino. Não há nada no inconsciente freudiano, nem em suas formações – sonhos, sintomas ou fantasias – que nos assegure que a diferença entre ser-homem e ser-mulher esteja inscrita nele. “O inconsciente se comporta como se só existisse um sexo, e todo problema é saber qual” (BASSOLS, 2021, p. 23).

As diferenças inscritas no inconsciente são de outra ordem – ativo-passivo, presente-ausente, fálico-castrado, incorporar-expulsar – diferenças não definidas por nenhuma essência ou significado dado previamente. O que se constrói a partir da linguagem, os discursos, por exemplo, se fundam nessa categoria da diferença relativa entre os elementos, sendo difícil sair dessa lei de ferro da linguagem a qual estamos submetidos, sempre sem saber do todo. Com ela construímos todo um sistema conhecido na cultura: mente-corpo, natureza-cultura, normal-patológico, homem-mulher, hétero-homo, yin-yang, etc.

Portanto, o gênero é sobretudo aquilo que o sujeito busca, tentando acrescentar algo a seu ser sexual, mas sem ser totalmente. Diante da diferença sexual, o sujeito é confrontado com lugares vazios de definição do masculino e do feminino e não há saber possível que diga o que é o sexo.

O paradigma da diferença sexual, trazida pela psicanálise, introduz uma dissimetria entre os sexos, não um dimorfismo ou oposição. Lacan partiu do axioma “não há relação sexual” para dizer que não há nada no ser humano que assegure a existência de uma diferença entre os sexos que estabeleça, posteriormente, uma relação normativa ou não

entre eles. Não há notícia alguma sobre isso no inconsciente e “cada arranjo que se tente – também com a multiplicação de gêneros – parece destinado a errá-lo, a errar nesse espaço sempre ‘trans’” (BASSOLS, 2021, p. 25). A busca de identidade sexual fracassa se só funciona com a categoria da diferença relativa entre significantes, ou seja, não há terra prometida possível. Cada ser humano é trans, seja em trânsito ou em transferência de um lugar a outro.

Nesse arranjo, em que o sujeito se arrisca para assegurar uma identidade, Freud se interessa particularmente pela feminilidade. Um enigma para a civilização, o feminino marca uma região do ser que escapa a todo centro, a toda norma. Como interpretar o corpo para além da diferença sexual anatômica e sem negar a mulher? Em “Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos”, Freud (1925) dá um novo estatuto à anulação do corpo da mulher. Para ele, o desaparecimento do corpo da mulher é consequência psíquica da diferença anatômica inaceitável, pois, não representável pelo simbólico. A falta de representação está posta para ambos os sexos.

Com a perspectiva do inconsciente, a relação do sujeito com seu sexo é psíquica e se desloca para outra cena que não a anatomia e a construção política e social. A psicanálise faz do sexo o lugar de um questionamento que permite a invenção da relação do ser falante ao gênero a partir da experiência do desejo. Um desejo não determinado pelo sexo oposto ou pelo corpo do outro, seja qual for, mas pelo objeto *a*, objeto precioso, o “agalma”, aquilo no outro que

me fascina, captura meu desejo e não sei o que é, que precede necessariamente a identidade sexual. Alcançar o campo do desejo é, portanto, reenviar o sujeito, seja homem ou mulher, à sua parte de ex-centricidade e de a-normalidade irreduzíveis. O que vai, então, marcar para a psicanálise a diferença entre o masculino e o feminino é o modo como cada um inscreve a castração e o modo como cada um obtém a satisfação pulsional, o gozo. Há um gozo que se inscreve no inconsciente e se pode dizer – o gozo fálico – e um gozo que não se inscreve no inconsciente, impossível de dizer – o gozo não-todo fálico.

Gozos que marcam a incomensurabilidade entre os sexos com o axioma da “não relação sexual”. Trata-se de sublinhar o que separa os seres sexuados a despeito de todos os encontros sexuais amorosos. Na perspectiva analítica, afirmar o primado da diferença é afirmar a ausência de relação. Com Lacan, se pode considerar a nomenclatura “mulher” para além dos estereótipos de gênero e ver nisso uma maneira de fazer referência a uma região do ser que não está previamente determinada. Cabe ressaltar que o ser para Lacan é um verbo conjugado, de início, na primeira pessoa. É da ordem do “eu sou”, “eu não sou”, “eu gostaria de ser”, “eu tenho medo de ser”, “quem sou eu”. É um ser feito de palavras que se alcança através de uma enunciação.

É pela palavra, pelo dizer, que o sujeito se autoriza como sexual. Podemos partir do dizer singular de uma mulher, quando ela testemunha a maneira pela qual nenhum lugar, nenhuma norma, nenhum saber poderia mais responder

sobre seu ser, sobretudo, quando esse descentramento se torna o regime contingente do seu modo de ex-sistência. “Não há mulher senão excluída da natureza das coisas, que é a natureza das palavras” (LACAN, 1972-1973, p. 99).

Lacan define a feminilidade como uma experiência que conduz um sujeito a sentir que seu ser depende do desejo do Outro, o qual vem dar substância ao que jamais é previsto por uma norma. O Outro escapa e faz desse “ser à parte” um traço da experiência feminina, não como natureza, mas, como extração da esfera universal, ou seja, a diferença sexual entre homem e mulher se situa no nível de uma certa relação dissimétrica ao todo, ao universal. Quando uma mulher está no universal, o feminino não está no jogo.

O descentramento torna a posição feminina mais livre e mais versátil diante das normas que visam sempre uma forma de universalidade coercitiva. Lacan vê nisso a possibilidade de um “gozo suplementar” – experiência da passagem de um gozo fálico para um gozo feminino, para além do falo – anteriormente proposto por Freud como passagem do clitóris para a vagina. A distinção proposta por Lacan não se enraíza na anatomia, mas na relação ao Outro, que indica, ao mesmo tempo, um gozo limitado e subordinado ao falo e um gozo feminino ilimitado, livre das restrições do universal. Um modo de presença que está “entre”, ou seja, entre centro e ausência. A mulher dividida ou barrada para Lacan navega entre essas duas posições.

É curioso que, ao posicionar esse Outro, o que tive para enunciar hoje diz respeito apenas à mulher. É justamente

ela que nos dá, dessa figura do Outro, a ilustração ao nosso alcance, por estar, como escreveu um poeta, *entre o centro e a ausência* (LACAN, 1971-1972, p. 117, grifo do autor).

Centro é a função fálica da qual ela participa singularmente com “ao menos um”, que é seu parceiro no amor e onde encontra seu lugar de existência com o gozopresença – *jouissepresence*. Ausência é o que lhe permite deixar aquilo de cujo meio ela não participa, ausência que não é menos gozo, mas gozoausência – *jouisseeabsence* (LACAN, 1971-1972). Não se trata, portanto, de natureza ou papel feminino, mas que ser mulher não é outra coisa que se situar, ao mesmo tempo, como centro para um parceiro amoroso sem participar toda, ao que poderia reduzi-la a um papel; e em saber ser também em outros lugares, além daquele em que responde ao desejo de seu parceiro.

Entre o gozo da presença e o gozo da ausência, o feminino é uma borda. Se estamos no centro, a borda é uma ausência; se há uma borda, o centro é impossível. O que faz do feminino uma experiência de inquietante estranheza, em que o sujeito, seja ele um homem ou uma mulher, se sente sempre fora do papel que ele representa, no qual não encontra nada que possa dizer o ser, e que só resta o “silêncio” como existência. Lacan vai dizer: “O que de mais famoso, na história, restou das mulheres é, propriamente falando, o que delas se pode dizer de infamante.” “É com o que há de mais insultuoso que ‘a gente a *dif...ama*, a gente a *diz fama*’ ” (LACAN, 1972-1973, p. 114, grifo do autor).

Com a psicanálise, é preciso, portanto, fazer o luto de uma certa normalidade. Esse fora norma não pode passar

despercebido. Uma palavra inesperada conduz o sujeito ao avesso do sentido comum. O fora da norma pode ser discreto, quase invisível, revelado através de um sonho, um pesadelo, uma queixa, um lapso, ou seja, uma outra dimensão do ser em que o desejo inconsciente coloca em questão o significante.

Résumé: Cet article reprend les questions de la différence sexuelle abordées par la science, la psychanalyse et les théories du genre et montre comment les corps, le sexe et le genre ont été interprétés selon l'esprit d'une époque. La différence sexuelle n'a pas toujours été reconnue comme telle, malgré la présence anatomique et le modèle en vigueur de la science, pendant des siècles, était deux genres et un seul corps. La psychanalyse part du constat que dans l'inconscient il n'y a pas de différence anatomique, il n'y a pas de différence de genre, il n'y a ni masculin ni féminin. Face à la différence sexuelle, le sujet est confronté à des espaces vides de définition du masculin et du féminin, et il n'y a aucune connaissance possible pour dire ce qu'est le sexe. Du point de vue de l'inconscient, le rapport du sujet à son sexe est psychique et passe à une autre scène que l'anatomie et la construction politique et sociale. Ce qui marquera alors pour la psychanalyse la différence entre le masculin et le féminin, c'est la manière dont chacun inscrit la castration et la manière dont chacun obtient la satisfaction pulsionnelle, la jouissance.

Mots clés: Différence sexuelle. Genre. Féminin.

Referências

BASSOLS, Miquel. *La diferencia de los sexos no existe en el inconsciente: sobre um informe de Paul B. Preciado dirigido a los psicoanalistas*. Buenos Aires: Grama ediciones, 2021.

FREUD, Sigmund. Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos (1925). In: _____. *O ego e o id e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. p. 303-320. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 19).

LAQUEUR, Thomas. *Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud*. Tradução de Vera Whately. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

LEGUIL, Clotilde. *L'être et le genre: homme/femme après Lacan*. Paris: Presses Universitaires de France (PUF), 2015, p. 31.

LACAN, Jacques. *O Seminário, livro 20: mais, ainda (1972-1973)*. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

LACAN, Jacques. *O Seminário, livro 19: ...ou pior (1971-1972)*. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

Obras consultadas

AMBRA, Pedro Eduardo Silva; SILVA JÚNIOR, Nelson (Orgs.). *Histeria & Gênero: sexo como desencontro*. São Paulo: Versos, 2014.

CUNHA, Eduardo Leal. Sexualidade e perversão entre o homossexual e o transgênero: notas sobre psicanáli-

se e teoria Queer. *Revista Epos*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 2, jul./dez. 2013.

SOLER, Colette. *Homens, Mulheres*. (Seminários Colette Soler). São Paulo: Aller, 2020.



Da “a anatomia é o destino” ao “o inconsciente é a política”¹

Maria de Fátima Chadid²

Marília Pires Botelho³

“A anatomia dos corpos mostra o que insiste como real no sexo”⁴

Resumo: Lacan teoriza que “O inconsciente é a política” retomando a proposição de Freud de que “A anatomia é o destino”. Ele já havia teorizado que “O inconsciente é estruturado como uma linguagem”, “O inconsciente é o Outro” e, com essa afirmação de que “O inconsciente é a política”, ele nos apresenta mais uma abordagem sobre o inconsciente. Visando à compreensão desta máxima lacaniana, de que “O inconsciente é a política”, e de alguns aspectos instigantes acerca do inconsciente, a ATO – escola de psicanálise se propôs, em 2022, a investigar, por

-
- 1 Este texto foi escrito para o seminário de leitura de Freud e Lacan com o objetivo de direcionar nossos estudos sobre o tema da Escola para 2022: “O inconsciente é a política”.
 - 2 Psicanalista. Membro da ATO – escola de psicanálise.
 - 3 Psicanalista. Membro da ATO – escola de psicanálise.
 - 4 Chamada da ATO – escola de psicanálise para o seminário de leitura de Freud e Lacan em março de 2022.

meio de seus dispositivos, algumas questões, tais como: o que Freud designou por anatomia? Quais os pressupostos que Lacan, em sua releitura de Freud, se serviu para chegar à premissa de que “O inconsciente é a política”? Essas serão as trilhas que nos conduzirão neste trabalho. Escolhemos trabalhar o primeiro capítulo de “O Seminário 19: ...ou pior”, de Lacan (1971-1972) e o texto de Freud (1917) da “Conferência XX”, intitulada “A vida sexual dos seres humanos”, que consta da publicação “Conferências introdutórias sobre psicanálise”, de 1916-1917.

Palavras-chave: Inconsciente. Anatomia. Sexualidade. O todo e o não-todo. Não há relação sexual. Narcisismo das pequenas diferenças.

Lacan teoriza que “O inconsciente é a política”, retomando a proposição de Freud de que “A anatomia é o destino”. Ele já havia teorizado que “O inconsciente é estruturado como uma linguagem, “O Inconsciente é o Outro”, com essa afirmação de que “O inconsciente é a política”, nos apresenta mais uma abordagem sobre o inconsciente.

Visando à compreensão dessa máxima lacaniana, de que “O inconsciente é a política”, e de alguns aspectos instigantes acerca do inconsciente, algumas questões se esboçaram: o que Freud designou por anatomia? Quais os pressupostos que Lacan em sua releitura de Freud se serviu para chegar à premissa de que “O inconsciente é a política”? Essas serão as trilhas que nos conduzirão neste trabalho.

Por ocasião da abertura dos trabalhos da ATO – escola de psicanálise, em 2022, Sergio Becker⁵ apontou que o vocábulo anatomia – ciência que estuda a estrutura do corpo – é derivado do grego *Anatome*, termo formado de *ana*, significando neste caso “em parte”, e *tome*, significando “corte”, ou seja, “corte em partes”.⁶ Tal concepção nos aponta para a lógica do inconsciente: é no corte, no susto, no tropeço que o inconsciente vem à tona e o objeto *a* cai. Logo, cada ser falante toma seu destino nas vias da sexuação balizado pela fantasia. Diante da afirmativa de Freud de que “A anatomia é o destino”, Lacan declara:

[...] certos momentos ergui-me contra essa formulação, pelo que ela pode ter de incompleta. Mas ela se torna verdadeira se atribuímos ao termo “anatomia” seu sentido estrito e, digamos, etimológico, que valoriza a ana-tomia, a função de corte [...]. O destino, isto é, a relação do homem com essa função chamada desejo, só adquire toda a sua animação na medida em que é concebível o despedaçamento do próprio corpo [...]. (LACAN, 1962-1963, p. 259).

Lacan consente com Freud na questão de que a sexuação não se apoia nem na anatomia, que aborda os aspectos inatos, e nem na degenerescência como se pensava à época.

Marco Antonio Coutinho Jorge (2007) destaca que Freud introduz as bases estruturais da psicanálise, a partir de dois conceitos fundamentais: de inconsciente e de pulsão.

5 Psicanalista. Membro da Escola Letra Freudiana do Rio de Janeiro.

6 História da Anatomia Humana. Programa de doação de corpos da Universidade de Santa Cruz do Sul (Unisc). Disponível em: <unisc.br/site/pdc/pages/historia.html>. Acesso em: fev. 2022.

No ser humano, a pulsão age abrindo uma série de possibilidades, diferentemente dos demais animais, que, pela ação do instinto, repetem a espécie indefinidamente. Já o conceito de inconsciente é um conceito abrangente, no sentido de que é o inconsciente que determina todas as ações, escolhas e desejos do ser falante.

Os conceitos de inconsciente e de pulsão é que vão possibilitar articular a linguagem com a sexualidade. O que interessa a Freud, então, diferentemente do senso comum, é tomar o sexual a partir de sua abordagem sobre o inconsciente.

Podemos afirmar que, antes de Freud, não há propriamente um conceito clínico sobre a sexualidade. O conceito de sexualidade foi ampliado e ganha novo estatuto, a partir da concepção de Freud sobre a sexualidade infantil perverso-polimorfa, aproximando a sexualidade dita normal à patológica ou perversa.

Em 1917, na “Conferência XX – A vida sexual dos seres humanos”, Freud faz uma verdadeira desconstrução do conceito de sexualidade. Inicia sua conferência definindo o que a psicanálise considera como sendo o sexual no humano em contraponto ao pensamento de sua época. O termo sexual se referia primordialmente ao fator biológico, à função reprodutora, sendo ainda socialmente designado como “algo impróprio e deve ser mantido secreto” (FREUD, 1917, p. 356). Tal concepção excluiria toda uma série de coisas que não visam à reprodução como o núcleo da sexualidade, mas, certamente, são sexuais.

Apresenta aos seus interlocutores a forte presença da sexualidade na infância e sua íntima correlação com as perversões sexuais presentes na vida dos seres humanos. Ele destaca que, na atividade sexual pervertida, permanece unicamente a obtenção de prazer como objetivo, independentemente, da reprodução. Salienta que, mesmo para a psicanálise, falar do sexual não constitui algo fácil, pois a definição de sexual, estabelecida pelo senso comum, é insuficiente para a ciência. Ressalta que algumas pessoas “pervertidas” não levam em conta a diferença entre os sexos. Consideradas um “terceiro sexo”, e abandonando qualquer participação na reprodução, são denominadas homossexuais invertidas, visto que somente pessoas de seu mesmo sexo excitam seus desejos sexuais. Acentua que tais pessoas “[...] têm o direito de se situar em pé de igualdade com os outros dois sexos” (FREUD, 1917, p. 356-357).

Freud (1917), ao abordar as modalidades de perversões que se desviam de suas finalidades com afrouxamento do vínculo com o objeto sexual, que, segundo ele, sempre estiveram presentes nas sociedades mais primitivas e também mais civilizadas, deixa claro que essas formas de satisfação sexual fazem parte da sexualidade dita normal.

Nesse sentido, podemos ver como Freud se posiciona manifestamente do lado da política do inconsciente, ou seja, da força da pulsão e do desejo. O sexual nos humanos não se limita ao biológico, pois somos seres falantes e, portanto, marcados pela linguagem, efeito dos significantes.

A argumentação de Freud parte do que não era considerado como normalidade, levando a concluir que a sexualidade de todos os humanos vai além do corpo físico, designado pelo genital. Para além da presença ou ausência do órgão, o prazer sexual é pulsional e sempre parcial, podendo manifestar-se em qualquer órgão do corpo. Aponta ainda que, na sexualidade, a libido poderá se fixar em algumas zonas erógenas no decorrer da organização genital infantil e nelas permanecer até a idade adulta e velhice.

A sucção é um exemplo da manifestação libidinal, quando a fome não mais é a principal motivação para o ato, mas a obtenção do prazer extraído das zonas erógenas em torno dos lábios e boca.

[...] o protótipo inigualável de toda a satisfação sexual ulterior, ao qual a fantasia retorna muitíssimas vezes, em épocas de necessidade. Esse sugar importa em fazer do seio materno o primeiro objeto da pulsão sexual. Não posso dar uma ideia da importante relação entre esse primeiro objeto e a escolha de todos os objetos subsequentes” (FREUD, 1917, p. 367).

Freud descartou a possibilidade de uma sexualidade biológica, ao atribuir a presença da bissexualidade em todos os humanos, relacionada ao fato de que, no inconsciente, não há inscrição alguma sobre o que é masculino ou feminino. Tal binarismo incorre em um equívoco. O que se inscreve é da ordem da bissexualidade psíquica que não se curva ao biológico, tampouco às determinações impostas pela educação e cultura.

Podemos ler, em Freud (1917), que a bissexualidade está presente em cada sujeito, seja masculino ou feminino, pois é da ordem pulsional por ultrapassar a questão anatômica. O que a pulsão visa é a satisfação independentemente do objeto. Masculino e feminino nada mais são que significantes advindos da linguagem – designados pelo Outro – , produtos de um discurso que determinam diferentes relações entre os seres falantes.

Os efeitos da linguagem nos seres falantes não deixam de ser abordados por Freud, tanto no que diz respeito ao papel desempenhado pela educação a serviço da cultura quanto aos efeitos da linguagem sobre o corpo biológico. Diz que a tarefa da educação é, sobretudo, domar a pulsão sexual infantil, que se não estiver regulada “[...] romperia todos os diques e arrasaria todo o trabalho da civilização laboriosamente construído.” (FREUD, 1917, p. 364).

Lacan causa um certo mal-estar quando afirma a impossibilidade da relação sexual. O que vem em nossa mente, quando se fala relação sexual, é o ato sexual, mas que, na verdade, nada tem a ver com a relação em lógica⁷; é o que Lacan introduz em sua teoria quando elabora a tábua da

7 Em “O Seminário XIX: ...ou pior”, Lacan continua o percurso lógico que vinha desenvolvendo em “O Seminário XVIII: ...de um discurso que não fosse semblante”, em que passa da lógica aristotélica das proposições para a lógica matemática dos quantificadores, ou seja, passa de uma lógica não verbalizável para uma lógica matematizável. Com isto, a proposição “Não existe relação sexual” passa de uma impossibilidade para a possibilidade de ser escrita. Na tábua da sexuação, para falar dos modos de gozo, Lacan se utiliza da lógica aristotélica, para definir a parte masculina, subvertendo essa lógica do lado feminino: “Não-todo”. (PITTERI, 2012).

sexuação. A afirmativa “não há relação sexual” (LACAN, 1971-1972, p. 13) elimina qualquer possibilidade de complementaridade entre os sexos, pois todo encontro é faltoso.

O que Lacan acentua é que nada garante que haja a complementaridade a partir dos órgãos, pois a diferença no ser falante não é a diferença anatômica. Explicita que não se trata “da famosa pequena diferença, [...] já destacada desde muito cedo como órgão, o que já é dizer tudo – ‘organon’ (sic), instrumento.” (LACAN, 1971-1972, p. 13).

O que se inscreve é uma outra divisão marcada pela castração: “Quando digo que ‘não há relação sexual’, formulo, muito precisamente, esta verdade: que o sexo não define relação alguma no ser falante” (LACAN, 1971-1972, p. 13).

Escritas mais, ainda

Freud utiliza o termo – o narcisismo das pequenas diferenças –, pela primeira vez, no seu texto “O tabu da virgindade”, escrito, em 1917, mas publicado, em 1918, no qual ele aborda o tabu nas diferentes culturas. Esse termo constitui as pequenas diferenças que existem entre as pessoas, apesar de terem pontos comuns ou semelhantes. Ao ver essas diferenças, espelhadas no outro, são tocadas em algum ponto de seu narcisismo, o que causa a base de sentimentos de estranheza e hostilidade.

Lacan, ao abordar a pequena diferença, destaca que a diferença que há entre a menina e o menino, que é tomada como algo natural, faz com que eles sejam distinguidos entre dois sexos e reconhecidos, a partir “de critérios formados na dependência da linguagem” (LACAN, 1971-1972,

p. 16), mas essa questão não faz parte de uma lógica. Na verdade, essa diferença é marcada pelo Outro, se apoia em um equívoco e não é sem consequências. O equívoco é partir da presença do órgão no corpo ou da sua “ausência” – o que demarca um lugar vazio.

É o lugar vazio que nos remete à castração e que, na tábua da sexuação, encontra-se do lado feminino, o não-todo. Segundo Brousse:

Lacan introduz uma subversão dando um lugar político ao feminino e situando do lado esquerdo da tábua da sexuação todos os seres falantes com aquilo que eles têm em comum, quer sejam mulheres, homens, crianças, transexuais, homossexuais, LGBTQIA+ [...]. Ou seja, todos os que têm direito a falar, todos os que se constituem como efeito do significante. Com isso, Lacan marca uma diferença fundamental entre o corpo biológico e o corpo falante. (BROUSSE, 2020, on-line).

Ainda para Brousse (2020), há uma adequação entre o vazio e o feminino, uma vez que politicamente as mulheres estão, por tradição, nas sociedades patriarcais, dentro das casas, ausentes dos laços sociais.

Mas é interessante pensarmos que, como nos diz a canção: *É sempre bom lembrar que um copo vazio está cheio de ar*⁸, a mulher, sempre excluída do laço social, dos discursos, não se deixou ocultar.

8 Trecho da música “Copo vazio”, de autoria de Gilberto Gil e Chico Buarque.

Quando Lacan fala da pequena diferença, diz Brousse, ele introduz a noção de gozo. Introduz o gozo todo e o “não-todo”, para passar da ideia de complemento, que se daria no âmbito dos órgãos, para a ideia de suplementação, em que o feminino vem como suplemento. A pequena diferença implica a ideia de complemento que se dá no âmbito dos órgãos. Implica pensar na possibilidade de relação sexual entre os dois órgãos, sendo que não há relação sexual a partir dos órgãos. Lacan (1971-1972) diz que os órgãos para um ser falante não funcionam senão como significantes.

Lacan avança, ao lançar o conceito de gozo, que forçará os caminhos da sexuação para além da biologia. Elaborava a tábua da sexuação, na qual localiza os seres falantes – homens e mulheres – entre dois modos de gozo: masculino ou fálico, e feminino ou gozo Outro. Aponta que há uma dissimetria entre os sexos, já que é o falo que faz a intermediação entre os seres falantes. Enfim, ele destaca que o gozo fálico, que supõe a complementaridade, está colocado para todos os seres do lado esquerdo da tábua – aqueles submetidos à castração simbólica. Do outro lado, situa-se o gozo feminino sem limite, não circunscrito pela castração e suplementar, no qual também se situarão homens e mulheres. A tábua da sexuação possibilita pensar para além do gozo sobre as parcerias sintomáticas, o amor, a relação de cada sujeito com o objeto *a*.

Freud (1926), por sua vez, já havia se deparado com o enigma do feminino ao denominá-lo “o continente negro”, em analogia ao misterioso e desconhecido continente africano

que sempre suscitou explorações. No entanto, é Lacan que vai se utilizar da lógica para acessar o feminino – o Outro sexo, afirmando que:

[...] é preciso pagar o preço, o da pequena diferença, que passa enganosamente para o real por intermédio do órgão, justamente no que ele deixa de ser tomado como tal, e, ao mesmo tempo, revela o que significa ser órgão. Um órgão só é um instrumento por meio disto em que todo instrumento se baseia: é que ele é um significante. (LACAN, 1971-1972, p. 17).

A psicanálise, desde Freud, já nos mostra que alguns significantes como a morte e o sexo não são inscritos no inconsciente, e toda vez que o discurso corrente se aproxima da impossibilidade de dizer sobre esses significantes, o inconsciente se manifesta como ato, como, por exemplo, no ato falho.

Logo, não é possível escrever a relação sexual, pois nenhum sistema lógico aponta para a possibilidade de inscrevê-la. É o que conclui Lacan. Essa impossibilidade nos remete ao real, e a consequência que advém é que o sexual se apresenta com rupturas, cortes e com o vazio.

Diante disso, qual seria a posição do analista? Lacan vai dizer que o analista responde com o semblante de objeto a . Lembrando que o semblante tem a sua raiz na verdade e se mostra não-toda. O analista não sabe, a priori, qual é o gozo do analisando, mas, ao fazer semblante, se produz um saber do lado do analisando. Isto pressupõe que, do lado do analista, não há outro desejo que não o desejo do analista,

aquele que possibilita que o analisando “avance além dos limites da lei [...] Trata-se de um desejo articulado ao real, ao insuportável de cada um [...]” (LACAN, 1964, p. 260⁹ *apud* FARIAS, 2018, on-line). Farias cita que, na direção da análise, não cabe ao analista ficar de um lado ou de outro, mas visar o real, promovendo um esvaziamento de sentido que significa “devolver ao sujeito, a escolha, a escolha decidida.” (BROUSSE, 2003, p. 23¹⁰ *apud* FARIAS, 2018, on-line).

É de Lacan a proposição “o psicanalista só se autoriza de si mesmo” (LACAN, 1967, p. 248), o que pressupõe ter realizado a travessia em sua própria experiência de análise de forma a sustentar sua posição de desejo, e destituir o Outro. Lacan afirma: “O ser sexuado não se autoriza senão de si mesmo, mas não sem os outros.” (LACAN, 1973-1974, p. 188). Por pressuposto, o analista deverá estar advertido de que o ser falante, na busca de seu objeto e de sua identidade sexual, se apoia nos semblantes, nas identificações e significantes que vêm do Outro, mas que há uma dimensão real a qual diz respeito ao gozo que opera nos discursos de uma época. O que a análise pode oferecer é fazer fluir a palavra, para que algo se opere no sujeito e produza um saber que o possibilite fazer a passagem do gozo ao desejo, autorizando-se como ser sexuado.

9 LACAN, Jacques. *O Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (1964). Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

10 BROUSSE, Marie-Hélène. *O inconsciente é a política*. Carmem Silvia Cervelatti (org.). (Seminário realizado em nov. 2002, com publicação do conteúdo em maio 2003). São Paulo: Escola Brasileira de Psicanálise (EBP), maio 2003.

Concluimos que o narcisismo da pequena diferença está nos discursos e, portanto, no laço social que se esforça em fazer existir a relação. Só não pode estar presente no discurso do analista em que deve imperar a política do inconsciente.

Abstract: Lacan theorizes that “The unconscious is politics”, taking up Freud’s proposition that “Anatomy is destiny”. He had already theorized that the Unconscious is structured as a language, the Unconscious is the Other, and with this statement that the Unconscious is politics, he presents us with yet another approach to the unconscious. Aiming to understand this Lacanian maxim, that the unconscious is politics, and some instigating aspects about the unconscious, Ato – school of psychoanalysis set out in 2022 to investigate, through its devices, some questions, such as: what did Freud call anatomy? What assumptions did Lacan use in his rereading of Freud to arrive at the premise that the unconscious is politics? These are the paths that will lead us through this work. We have chosen to work on the first chapter of Lacan’s Seminar 19: ...or worse (1971-1972) and Freud’s text (1917) of “Conference XX”, entitled “The sexual life of human beings”, which appears in the publication “Introductory lectures on psychoanalysis”, 1916-1917.

Keywords: Unconscious. Anatomy. Sexuality. The whole and the not whole. There is no sexual relationship. Narcissism of small differences.

Referências

BROUSSE, Marie Hélène. *Abertura do Seminário XIX – Seminário do Campo Freudiano de Alicante*. Postado em 27 out. 2020. Disponível em: <<http://www.youtube.com/@institutoseminariocampofre3219>>. Acesso em: 14 fev. 2022.

FARIAS, Cynthia Nunes de Freitas. *Ano zero – Desejo do analista X*. Escola Brasileira de Psicanálise – Seção São Paulo. São Paulo, 23 mar. 2018. Redação Carta de São Paulo. Disponível em: <<https://shre.ink/USsb>>. Acesso em: 20 ago. 2023.

FREUD, Sigmund. Conferência XX: A vida sexual dos seres humanos (1917). In: _____. *Conferências introdutórias sobre psicanálise (parte III)*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. p. 355-376. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 16).

FREUD, Sigmund. O tabu da virgindade (Contribuições à psicologia do amor III) (1918[1917]). In: _____. *Cinco lições de psicanálise, Leonardo da Vinci e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. p. 175-192. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 11).

FREUD, Sigmund. A questão da análise leiga – parte IV (1926). In: _____. *Um estudo autobiográfico, inibições, sintomas e ansiedade, análise leiga e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. p. 209-293. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 20).

LACAN, Jacques. *O Seminário, livro 10: a angústia (1962-1963)*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

LACAN, Jacques. *O Seminário, livro 19: ...ou pior* (1971-1972). Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

LACAN, Jacques. *O Seminário, livro 21: os não-tolos erram* (1973-1974). Porto Alegre: Editora FI, 2008. Disponível em: <<http://www.editorafi.org>>. Acesso em: 10 fev. 2022.

LACAN, Jacques. Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola (1967). In: _____. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003, p. 248-264.

Obras consultadas

JORGE, Marco Antonio Coutinho. Pulsão e falta: o real. In: _____. *Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan*. 5 ed. Rio de Janeiro: Zahar, v 1, 2008, p. 17-63.

JORGE, Marco Antônio Coutinho. A teoria freudiana da sexualidade 100 anos depois (1905-2005). Conferência de abertura. In: CONGRESSO NACIONAL DE PSICANÁLISE DA UFC, 3. 2007, Rio de Janeiro. Revista Psychê, São Paulo, v. 11, n. 20, jun. 2007. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141511382007000100003&lng=pt&nrm=iso>. ISSN 1415-1138. Acesso em: 9 fev. 2022

LACAN, Jacques. *O Seminário, livro 20: mais ainda*. (1972-1973). Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

PITTERI, Maria Bernadette Soares de Sant' Ana. *Maria Bernadette Soares de Sant' Ana Pitteri*. Clínica Lacaniana de Atendimento e Pesquisas em Psicanálise. São Paulo, ano XIX, mai/jun., 2012. Lógica Lacaniana. Disponível em: <clipp.org.br/logicalacanianana>. Acesso em: 15 set. 2023.

Da “a anatomia é o destino” ao “o inconsciente é a política”

VIDAL, Eduardo. O Inconsciente é a política. *Revista da Escola Letra Freudiana*. Política e psicanálise – efeitos d’Escola, Rio de Janeiro: 7 Letras, ano XXXI, n. 44, 2012, p. 9-20.

A anatomia é o destino

Maria Luiza Bassi¹

Resumo: A partir da intervenção de uma adolescente transexual em seu corpo, a autora discute a posição feminina levando em conta as consequências psíquicas da diferença anatômica entre os sexos.

Palavras-chave: Anatomia. Diferença. Posição sexuada. Feminilidade

Para introduzir a questão que pretendemos trabalhar neste texto, relembramos o filme belga “*Girl*”, de 2018, em que Lara, uma menina de 15 anos, sonha em tornar-se uma bailarina profissional. Com a ajuda do pai, é aceita em uma importante escola de formação de bailarinos. No entanto, Lara encontra dificuldades para executar os movimentos, devido à sua estrutura óssea e muscular, já que nasceu em um corpo de menino. O filme termina com a imagem de Lara supostamente segura com seu corpo de mulher. Seria um final feliz para a história de uma transexual que, a partir de uma intervenção no corpo, estaria estabilizada em uma posição feminina? Mas o que seria uma posição feminina?

Vamos partir da tão conhecida frase de Freud “A anatomia é o destino”, proferida, em 1912, no artigo “Sobre a ten-

1 Psicanalista. Membro da ATO – escola de psicanálise.

dência universal à depreciação na esfera do amor” e, em 1924, no artigo “A dissolução do complexo de Édipo”. Nos dois artigos, Freud apresenta o real em jogo na sexualidade a partir da diferença que se apresenta no corpo e suas consequências psíquicas.

[...] o lugar dos genitais-inter *urinas et faeces* (entre urina e fezes) permanece sendo o fator imutável determinante. Nesse ponto, poderíamos dizer, modificando as famosas palavras do grande Napoleão: a anatomia é o destino (Freud, 1912, p. 150).

[...] A exigência feminista por igualdade entre os sexos não nos leva muito longe, pois a diferença morfológica vai se expressar em distinções no desenvolvimento psíquico. A anatomia é o destino, parodiando a expressão de Napoleão (Freud, 1924, p. 252).

Escritas mais, ainda

Freud modifica a sentença de Napoleão Bonaparte “A política é o destino”. Foi em um encontro com Goethe, em que discutiam sobre literatura, que Napoleão usa tal frase para destituir do destino o caráter de fatalidade. O destino não seria um ponto fixo e imutável, a partir do qual se dariam os movimentos da política, mas seria, em parte, determinado pelos movimentos e até pelos acasos da política.

Podemos dizer que nas duas afirmações de Napoleão e de Freud teríamos, de um lado, um elemento dominante, da ordem do necessário e, de outro, um elemento dependente, modulável, da ordem do contingente. Para Napoleão, o destino seria uma resultante, traçada pela política; para Freud, o destino determinaria em parte a anatomia.

Freud utiliza o termo destino, no título de seu texto “As pulsões e seus destinos”, de 1915, para destacar que os destinos das pulsões são múltiplos e sofrem transformações, podendo definir a gramática de nossas escolhas e desejos, assim como, a lógica das nossas fantasias inconscientes.

Lacan (1963), em “O Seminário 10: a angústia”, enfatiza que a formulação de Freud “anatomia é o destino” se torna verdadeira se atribuirmos ao termo “anatomia” a função de corte, a partir do sentido etimológico, ou seja, ana – através de e tomos-corte. O destino, ligado à função do desejo, adquire sua animação, na medida em que é concebível o despedaçamento do próprio corpo, como efeito de corte.

A anatomia não determina a fixidez do destino, ela se curva à multiplicidade das maneiras de se gozar e de se reconhecer a si mesmo, como nos mostra uma afirmação que se tornou frequente desde o surgimento deste argumento trans: “eu sou uma mulher aprisionada em um corpo de homem”, ou o contrário. É o real da diferença sexual anatômica que se inscreve no corpo do simbólico como marca indelével do ser falante. A anatomia representa para o ser falante aquilo que insiste como real do sexo, que força o trabalho do inconsciente de cifrar o gozo. Dessa forma, Freud produz um corte com a moral natural e inscreve o sujeito em uma dimensão ética, impondo, a cada um, deveres e responsabilidades na sua autorização como ser sexuado.

Se a anatomia é o destino, que consequências psíquicas ela terá para a menina no sinuoso caminho da feminilidade?

Na conferência XXXIII, de 1933, sobre a feminilidade, Freud ressalta que a psicanálise não pretende descrever o que é uma mulher, mesmo porque essa tarefa seria impossível, mas sim pesquisar como a criança se torna mulher, como se desenvolve a partir da disposição bissexual de cada indivíduo. Considera que aquilo, que constitui a masculinidade ou a feminilidade, é uma característica desconhecida, que a anatomia não consegue apreender.

Freud (1925) trabalha as consequências psíquicas da diferença entre os sexos. O menino, ao ver a região genital da menina, se apresenta irresoluto e pouco interessado. Só mais tarde, perante uma ameaça de castração, essa observação fará sentido para ele. Percebe que, se há a possibilidade de não ter, existe a possibilidade de perder.

Para a menina é diferente, viu que não tem e quer tê-lo. A partir daí se inscreve o complexo de masculinidade da mulher, o qual poderá trazer muitas dificuldades para o desenvolvimento da feminilidade, “[...] caso a mulher não consiga superá-lo” (Freud, 1925, p. 265).

Freud estabelece algumas consequências psíquicas da inveja do pênis que seriam o sentimento de inferioridade, o ciúmes, o afrouxamento da relação com a mãe como objeto e, a mais importante, a eliminação da sexualidade clitoridiana deixando espaço para o desenvolvimento da feminilidade. Em um dado tempo, haveria o reconhecimento de uma impossibilidade, a menina perceberia que não poderia concorrer com o menino já que não possuía o pênis, abandonaria a concorrência com ele, se afastaria do

onanismo masculino e da masculinidade abrindo as portas para o desdobramento da feminilidade. (FREUD, 1925)

Freud diz de um deslocamento, ou seja, a masturbação do clitóris, sendo uma atividade masculina, teria que ser abandonada para dar lugar a feminilidade. Haveria um deslizamento da libido da menina para um novo posicionamento. Freud diz que:

[...] com a viragem para a feminilidade, o clitóris deve ceder, totalmente ou em parte, a sua sensibilidade, e, com isso, sua importância, à vagina, e essa seria uma das duas tarefas que devem ser cumpridas, no desenvolvimento da mulher [...]. (FREUD, 1933, p. 321).

Após o abandono da masturbação clitoridiana, a menina se volta para o pai. A situação feminina só se estabelece se o desejo do pênis for substituído pelo desejo do filho a partir de uma equação simbólica. A menina abandona a mãe, a quem atribui a responsabilidade da falta de um pênis e se volta ao pai, de quem espera um filho – com essa intenção – toma o pai como objeto de amor.

Para a menina, a situação do Édipo seria a saída de um desenvolvimento longo e difícil, uma espécie de solução provisória, uma posição de repouso que não é logo abandonada. O complexo de castração prepara o complexo de Édipo. Por meio da influência da inveja do pênis, a menina é pressionada a desfazer a ligação com a mãe e entra na situação do Édipo como se fosse um porto seguro. (Freud, 1933)

Na conferência sobre a feminilidade, Freud menciona a técnica do trançar e do tecer e atribui a sua invenção às mulheres. Tentando adivinhar o motivo inconsciente para tal criação, menciona os pelos pubianos que surgem com o amadurecimento sexual das meninas, cobrindo o genital. Tais pelos seriam como fios que poderiam se unir uns aos outros. Diante da falta que se estabelece, a partir da marca do falo, ou seja, da falta de um significante que defina o que é ser uma mulher, resta a cada uma trançar e tecer sua posição sexuada.

Lacan, em “O Seminário 21: os não-tolos erram”, faz referência a uma escolha e a uma autorização que definiria a posição sexuada de cada sujeito. Ele diz assim: “[...] o ser sexual só se autoriza de si mesmo [...] e por alguns outros. É nesse sentido que ele tem a escolha.” (Lacan, 1974, p. 187).

A posição sexuada vai além de uma classificação do sexo no registro civil. Ao enodar sexo e inconsciente, o discurso freudiano produz um novo laço entre anatomia e destino. O poder inexorável do Outro cai por terra, e aparece a força do sujeito dividido, castrado, que, diante da falta, se posiciona em ato, autorizando-se como ser sexuado.

Freud (1937) termina seu artigo “Análise terminável e interminável” analisando a atitude dos homens e mulheres perante o complexo de castração. Adverte que o sujeito resiste em abandonar a posição masculina configurando um repúdio à feminilidade. Em um processo de análise, seriam

oferecidas condições para uma mudança de posição ante à falta e à castração, ou seja, deslizamento de uma posição toda – masculina – para uma não-toda – feminina.

Voltando ao filme, podemos questionar a solução cirúrgica, usada por Lara, para definir-se como mulher? O gozo que deveria ser tecido simbolicamente pelo inconsciente teria sido reduzido à concretude de um órgão? Questões que convocam os analistas a escutar a singularidade de cada sujeito, como nos adverte Lacan, em seu artigo “Função e Campo da fala e da linguagem”: “[...] deve renunciar à prática da psicanálise todo analista que não conseguir alcançar em seu horizonte a subjetividade de sua época” (Lacan, 1953, p. 321).

Para ter acesso ao que é mais singular em cada sujeito, o analista deverá estar engajado em sua prática, a partir do discurso do analista, depurado nas análises. Não se trata de compreender os sintomas de uma época, trata-se, porém, de compreender os sintomas de cada sujeito em relação ao seu ponto de falta.

Abstract: Based on the intervention of a transsexual teenager on her body, the author discusses the female position, taking into account the psychic consequences of the anatomical difference between the sexes.

Keywords: Anatomy. Difference. Sexual position. Femininity.

Referências

FREUD, Sigmund. Sobre a mais geral degradação da vida amorosa (1912). In: _____. *Sobre a mais geral degradação da vida amorosa*. Belo Horizonte: Autêntica, 2018, p. 150.

FREUD, Sigmund. O declínio do complexo de Édipo (1924). In: _____. *O declínio do complexo de Édipo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2018, p. 252.

FREUD, Sigmund. Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos (1925). In: _____. *Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos*. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

FREUD, Sigmund. A feminilidade (1933). In: _____. *A feminilidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

LACAN, Jacques. *O Seminário, livro 10: a angústia*. (1962-1963). Rio de Janeiro: Zahar, 1998, p. 259.

LACAN, Jacques. *O Seminário, livro 21: os não-tolos erram* (1973-1974). Seminário inédito.

LACAN, Jacques. Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise. (1953). In: _____. *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

Obras consultadas

GIRL. Direção de Lukas Dhont. Netflix, 2018.(105min).

GOETHE, Johann Wolfgang Von. Entretien avec Napoléon. In: LE RIDER, Jacques. *Écrits autobiographiques*. Paris: Bartillat, 2001.

FREUD, Sigmund. As pulsões e seus destinos (1915). In: _____. *Coleção Obras Incompletas de Sigmund Freud*. Tradução de Pedro Heliodoro Tavares. Belo Horizonte: Autêntica, v. 2, 2013.

FREUD, Sigmund. Análise terminável e interminável (1937). In.: ___. *Moisés e o Monoteísmo e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p. 241-287 (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 23)



Nos confins da fantasia

Margareth Almeida Khattar¹

Wagner Siqueira Bernardes²

Resumo: A partir da leitura do escrito lacaniano “Kant com Sade”, os autores sustentam que o gozo, mesmo quando está apoiado numa fantasia de desejo, mostra sua precariedade ao encontrar, como barreira, a lei.

Palavras-chave: Fantasia. Desejo. Gozo. Ética. Lei. Sujeito. Objeto.

Este trabalho é fruto de elaborações em torno do escrito “Kant com Sade”, de Jacques Lacan, durante o cartel “Fantasia e pulsão”.³ O texto foi escrito para ser o prefácio da obra “Filosofia na Alcova”, do marquês de Sade. Nele, Lacan propõe a fórmula da fantasia, $\mathcal{S} < > a$, a propósito da qual se pode pensar o real do sexo como aquilo que ultrapassa a anatomia e resiste a qualquer articulação simbólica.

1 Psicanalista. Membro da ATO – escola de psicanálise.

2 Psicanalista.

3 Participantes: Ana Maria Fabrino Favato, Crasso Campanha Parente, Margareth Almeida Khattar, Viviane Gambogi Cardoso, Wagner Siqueira Bernardes (+1).

De início, Lacan faz um alerta:

Que a obra de Sade antecipa Freud, nem que seja no tocante ao catálogo das perversões, é uma estupidez que se rediz nos textos e cuja responsabilidade, como sempre, cabe aos especialistas (LACAN, 1998, p. 776).

Lacan sustenta, em contrapartida, que a alcova sadiana compara-se aos lugares dos quais as escolas da filosofia antiga tiraram seu nome: Academia, criada por Platão; Liceu, fundado por Aristóteles; Stoá, reduto dos estoicos. Lacan afirma que: “Aqui, como lá, prepara-se a ciência, retificando a posição da ética.” (LACAN, 1998, p. 776).

A obra “Filosofia na alcova” surgiu, em 1796, oito anos depois de “Crítica da razão prática”, e, enalhada nos porões das bibliotecas, provavelmente não foi lida por Freud, o qual, no entanto, leu “Crítica da razão prática”.

Freud formulou seu princípio de prazer desvinculando-o dos mitos de benevolência, advindos da ética tradicional, bem como de qualquer ordenação do sujeito a seu bem. Isso foi possível, segundo Lacan, devido “[...] à ascensão insinuante, ao longo do século XIX, do tema da ‘felicidade no mal’.” (LACAN, 1998, p. 776). No que toca a tal felicidade, pode-se dizer que Sade “[...] é o passo inaugural de uma subversão da qual Kant [...] é o ponto decisivo” (LACAN, 1998, p. 776). Colocando em balanço *wohl* – bem-estar – e *das Guten* – o bem –, Kant sustenta que o bem-estar só pode ser suposto como supremo bem ao se opor radicalmente a quaisquer dos bens incertos trazidos pelos objetos.

Para Kant, *das Guten*, o bem que é objeto da lei moral, se impõe como superior por seu valor universal, independentemente de qualquer objeto que possa lhe impor sua condição. Sendo assim, do ponto de vista da ética kantiana, deve-se excluir tudo aquilo de que o sujeito possa padecer no seu interesse por um objeto. Pois, quando o sujeito já não tem diante de si qualquer objeto que desperte paixão ou sentimento, é nesse momento que ele encontra uma lei, obtida de uma voz na consciência.

Baseado nesses princípios, Kant propõe a lei fundamental da razão prática pura: “Age de tal modo que a máxima de tua vontade possa sempre valer ao mesmo tempo como princípio de uma legislação universal” (KANT, 2002, p. 51).

Sade, por sua vez, propõe ao gozo uma regra que também pretende se afirmar como universal. E Lacan a formula do seguinte modo: “Tenho o direito de gozar de teu corpo, pode dizer-me qualquer um, e exercerei esse direito, sem que nenhum limite me detenha no capricho das extorsões que me dê gosto de nele saciar” (LACAN, 1998, p. 780).

Essa é a regra que Sade pretende impor a todos. Humor negro, observa Lacan, se imaginarmos uma sociedade que sancione o direito ao gozo, “[...] permitindo a todos valem-se dele, para que a partir daí sua máxima pretexto o imperativo da lei moral” (LACAN, 1998, p. 780). É nessa medida que Sade, por meio desse paradoxo, pode “[...] apurar o sabor da prova kantiana da regra universal com a pitada de sal que lhe falta” (LACAN, 1998, p. 780).

A partir dessas considerações, pode-se admitir, de acordo com Lacan, que “Filosofia na alcova” forneça a verdade de “Crítica da razão prática”. Sade desvela o gozo jacente no imperativo categórico do supereu. A máxima sadiana, ao ser pronunciada pela boca do Outro, “[...] desmascara a fenda, comumente escamoteada, do sujeito” (LACAN, 1998, p. 782). O discurso do direito ao gozo instaura, como sujeito de sua enunciação, a liberdade do Outro, evidenciável por meio do panfleto intitulado “Franceses! Mais um esforço, se quereis ser republicanos” e lido ostensivamente por Dolmancé. O sujeito do enunciado, porém, é também provocado, já que o gozo “[...] faz-se polo de uma dupla em que o outro está no fosso que ele já perfura no lugar do Outro, para ali erguer a cruz da experiência sadiana” (LACAN, 1998, p. 782). Contudo, é por intermédio do próprio exercício que o direito irrestrito ao gozo vai se deparar com um limite. Esse gozo é precário por estar preso, no Outro, “[...] a um eco que ele só suscita ao aboli-lo pouco a pouco, por lhe juntar o intolerável” (LACAN, 1998, p. 783).

O desejo, ao se pretender afirmar como vontade de gozo, fica fadado à derrota e à impotência. É sempre precoce a queda da asa, afirma Lacan, pois a asa “[...] deve aqui ser elevada à função de figurar o laço do sexo com a morte” (LACAN, 1998, p. 785).

Se a fantasia adapta o prazer ao desejo, a experiência mostra, em contrapartida, que a dor tem um ciclo mais longo, “[...] já que uma estimulação a provoca no ponto em que o prazer acaba” (LACAN, 1998, p. 785). Mas, a dor também encontra seu fim no desvanecimento do sujeito.

Sade demonstra a precariedade do gozo, nas últimas páginas de sua obra, por intermédio do suplício da mãe de Eugénie, a qual se rebela contra a educação sexual dada à filha. Estuprada brutalmente, inoculada com o veneno da sífilis e tendo, ao final, a genitália costurada, a mãe queda inacessível e fica proibida. Por meio da apologia do crime, Sade é conduzido, paradoxalmente, ao reconhecimento indireto da lei. O que possibilita a Lacan concluir seu texto chamando a atenção para “[...] a submissão de Sade à Lei” (LACAN, 1998, p. 802).

Abstract: From the reading of the Lacanian writing “Kant with Sade”, the authors argue that the enjoyment, even when supported by a fantasy of desire, shows its precariousness when finding, as a barrier, the law.

Keywords: Fantasy. Desire. Enjoyment. Ethic. Law. Subject. Object.

Referências

KANT, Immanuel. *Crítica da razão prática*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

LACAN, Jacques. Kant com Sade (1963). In: _____. *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998, p. 776-803.

Obra consultada

SADE, Marquês de. *Filosofia na alcova*. Brasília: Coordenada Editora de Brasília Ltda, 1969.



O sujeito bebê e o mal-estar do diagnóstico

Marcilena Assis Toledo¹

Resumo: De acordo com o levantamento realizado nos EUA pelo *Centers for Disease Control and Prevention* (CDC), em 2020, verificou-se um salto nas estatísticas de um caso de Transtorno do Espectro Autista (TEA) para cada 56 crianças. Mesmo levando-se em conta que o fechamento de um diagnóstico em crianças ainda em fase de desenvolvimento não deve ser realizado, pois faz-se necessário um olhar multidisciplinar para um diagnóstico conclusivo, não é essa a realidade que nos rodeia. Visto que, muitos sinais autísticos podem ser encontrados em crianças não autistas, mas com outros transtornos, sejam eles de ordem genética ou psíquica, um diagnóstico diferencial pode definir o destino de um sujeito bebê. O objetivo do trabalho é levantar alguns questionamentos, pautados nos fundamentos da psicanálise, a respeito do aumento vertiginoso dos diagnósticos de transtornos infantis, principalmente o TEA, na região do sul de Minas Gerais. O que tem gerado um grande mal-estar no contexto familiar e também escolar.

Palavras-chave: Autismo. Diagnóstico. Psicanálise.

1 Psicanalista e psicóloga. Membro da ATO – escola de psicanálise. Docente universitária.

Há uma enorme proliferação de diagnósticos de transtornos infantis, como o Transtorno do Espectro Autista (TEA) e o Transtorno de Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH), em crianças cada vez mais novas ainda em fase de constituição psíquica. Verifica-se também um aumento do uso de medicação em crianças novas, abrangendo a faixa etária de três anos de idade. Assim, o objetivo deste trabalho é levantar alguns questionamentos, pautados nos fundamentos da psicanálise, em particular no texto de Freud (1921) “Psicologia das massas e análise do eu”, o qual diz respeito ao aumento vertiginoso dos diagnósticos de transtornos infantis, principalmente o TEA. O que vem gerando um grande mal-estar no contexto médico, no psicológico e também no escolar, onde estão imbricados.

Escritas mais, ainda

Então, para pensarmos o sujeito bebê nessa massa de EUS, vamos considerar que esses outros EUS de suas relações estão diretamente implicados na sua constituição psíquica. Conseqüentemente, direcionando o destino dos bebês a assumirem uma posição subjetiva, por meio dos significantes, que lhes são oferecidos em nossa contemporaneidade. Vamos abrir algumas reflexões, levando em conta os diagnósticos conclusivos precocemente realizados, sejam eles do campo médico, muitas vezes conjugado com o psicológico e endossados no âmbito escolar, a cerca daquele que se encontra ainda em fase de constituição psíquica.

Os outros EUS, na relação constituinte com o sujeito, podemos separá-los entre aqueles que têm a função de Outro – Lei, Linguagem –, que demarcam a posição do sujeito

com a inscrição ou não da Lei em seu psiquismo. Podemos pensar a figura do líder aí nesse lugar. E aqueles que ocupam o lugar do pequeno outro semelhante aos “iguais” na massa. Freud (1921), logo na introdução de seu texto “Psicologia das massas e análise do eu”, levanta a questão sobre o modo de funcionamento psíquico e a relação constituinte entre o campo do sujeito e o campo do Outro, diante da dicotomia daquilo que ele chama de atos psíquicos sociais e de atos psíquicos narcísicos, podendo este último também ser nomeado como autístico.

Ao falar da psicologia das massas, compostas por esses EUS, Freud afirma que essa não está separada daquela psicologia do ser humano particular. Do lado do campo do Outro, Lei-líder, Freud mostra a existência de um paradoxo, pois, via de regra, o Outro é considerado enquanto modelo, objeto, auxiliador, mas também como adversário. E, ao lado do pequeno outro semelhante, Freud vai dizer que “a psicologia individual é também, desde o início, psicologia social, num sentido ampliado, mas inteiramente justificado.” (FREUD, 2020, pag. 137). Lugares ambíguos por sua essência muitas vezes podem parecer estranhos ao sujeito. Pois, aquilo que é modelo, objeto, auxiliador, um referencial de identificação pela via do amor – o que encontramos na figura do médico, do psicólogo e do professor – é, ao mesmo tempo, adversário pela via de seu inverso, o ódio. A ambiguidade que se encontra no âmbito individual é também, desde sempre, social.

Para Freud (2020), todo sujeito se constitui na relação com outro e é considerado membro de uma tribo, seja aquele incluído na massa ou excluído dela. O que nos impõe pensar incluído ou excluído por quem? Pensando na teoria dos conjuntos que Lacan trabalha, no cap IV, de “O Seminário 20: mais, ainda”, a possibilidade de agrupar elementos que formam um conjunto depende da existência de um elemento diferente que esteja fora. Esse elemento que difere e que está excluído é que demarca o limite daqueles que pertencem e estão incluídos no conjunto. A não existência da diferença impossibilitaria que alguns elementos se agrupassem e se sentissem incluídos em um grupo. Será que o grupo das crianças com transtornos é que mantém a existência das ditas normais? Seja lá o que a linguagem defina como normal.

Escritas mais, ainda

Se nem todo agrupamento pode ser considerado massa, esta massa, para um certo fim determinado, teria a capacidade de romper com o laço social. Visto que, estar no laço social implica considerar a presença de uma diferença, ou seja, a subjetividade que é a marca fundamental do ser humano. Para manter o laço social, uma possível relação com a variedade de tribos, que possuem fins distintos, as massas e os agrupamentos produzem um movimento moebiano, que se enlaçam e também desenlaçam para um certo fim. No meio desse processo, busca-se uma hipótese com a intenção de questionar: para qual fim determinado o diagnóstico médico, o psicológico e/ou o educacional está a serviço? Servem afinal para incluir ou excluir o sujeito no laço social?

Se toda massa não o é sem um líder, tal como nos aponta Freud, “[...] a massa ‘tem sede de obedecer’ e por ‘ser um rebanho obediente, nunca saberia viver sem um senhor’” (FREUD, 2020, p. 150), será que esse lugar de poder do líder, que promove a inclusão e/ou a exclusão do sujeito de uma tribo, corresponderia àquele que se utiliza do diagnóstico como ferramenta de domínio da massa de bebês? Sustentados no discurso do Mestre, seja o discurso médico, o psicológico ou o educacional – discursos que lideram tribos distintas, cada qual com uma visão particularizada do que é um Ser –, poderíamos pensar em uma tribo composta por líderes como uma massa? Nesse caso, esses semelhantes se juntariam para qual fim? Quem os lideraria?

Lebon, que, antes de Freud, trabalha o conceito de massa, compara o movimento dessas a um estado hipnótico, em que líderes sugestionam seus seguidores de tal maneira que eles não mais pensam por si mesmos. Freud (2020) ressalta que a massa é sugestionada tanto pelo líder como pelos companheiros que a compõem. “É por ser acrítica, ela funciona por associação de imagens, tal como se faz durante os estados de livre fantasiar. Quer dizer, em estado fora do racional e da realidade, sem espaço para a dúvida e a incerteza” (FREUD, 2020, p. 147).

A certeza irrefutável dos hipnotizados pode ser equiparada ao fanatismo. Dessa maneira, na massa se faz possível a coexistência de ideias opostas, que se toleram mutuamente, sem que haja conflito. A função ambígua que tem um diagnóstico na vida de uma criança, seja para sua salvação

ou para sua crucificação, teria relação com a forma de gozo perverso do Outro líder, que se utiliza do sujeito como objeto mais-de-gozar para sustentar seu narcisismo?

Para estabelecer o funcionamento da massa, o líder não pode ser qualquer um, pois é necessário corresponder a ela com atributos pessoais; é preciso que tenha um fascínio forte por uma crença, a ponto de suggestionar os indivíduos da massa para tomá-la como sua. Com isso, o líder exerce um domínio sobre a massa que o admira tanto, capaz de paralisar a capacidade de senso crítico para que ela se deixe suggestionar. A intensidade dos afetos comuns dos membros da massa pode ser facilmente acionada pelo líder através da indução recíproca que tem um caráter compulsivo de se fazer o mesmo que os outros, dando a sensação aos participantes da massa e seu líder, de um poder ilimitado e de um perigo imbatível.

Assim, a crença nos diagnósticos conclusivos, que incluem e excluem um sujeito ainda em tempo de sua constituição psíquica, pode ser vista como o ponto comum que agrupa hoje em dia o discurso médico, psicológico e o educacional, a ponto de haver um efeito devastador e massificante no que diz respeito a posição subjetiva do *infans*. Bernardino (2004) trabalha a questão das estruturas não decididas e aponta para o inapropriado uso dessa ferramenta que nas mãos de certos líderes de determinadas tribos, que possuem um discurso totalitário da certeza irrefutável, pode determinar o destino de um bebê decidindo de qual tribo ele será membro. Sem que esse tenha a opção de se incluir

em outra ou de se excluir dessa, na qual o diagnóstico o fixa. Lacan (2005), no cap. XI, de “O Seminário 10: a angústia”, ao dizer dos campos de concentração, para discutir a tentativa de eliminação das diferenças, e retomando algo já trabalhado em “O Seminário 7: a ética da psicanálise”, vai dizer que a moral deve ser procurada do lado do real e mais especificamente na política. E as políticas atuais, que envolvem o bem-estar de um sujeito em constituição, tem causado muito mal-estar.

O bebê muitas vezes se perde em um certo caminho sem volta. Pois, tal como Ferreira nos convoca a refletir: “[...] Se as estruturas são não decididas na infância, como pensar o diagnóstico de autismo na criança?” (FERREIRA, 2019, p. 87-94). Principalmente aqueles realizados em um único encontro de 30 min. Muitos diagnósticos são feitos, mesmo sem a presença da criança, apenas por dados colhidos pela fala de um terceiro. Como abrir espaços de diálogo entre aquele que dá o diagnóstico e outros saberes sem que este considere que exista outros posicionamentos possíveis de serem compartilhados? O pior dano para a construção da subjetividade do sujeito bebê não é o Outro líder não saber o que um discurso diferente sabe, mas é não se dispor a saber algo a mais. É não considerar a diferença dos saberes, determinando o destino dos sujeitos diagnosticados para um mesmo buraco.

Existe uma crítica antiga de que a psicanálise é determinista por considerar que o psiquismo freudiano tem algumas formas subjetivas de estruturação. Porém, uma questão

que se impõe a pensarmos hoje é se algumas práticas terapêuticas e psicoterapêuticas não estão sendo ainda mais deterministas quando condicionam o sujeito em uma única forma padrão de ser no mundo. Diferente da psicanálise que, em sua posição ética, respeita e entende que há uma escolha do próprio sujeito em seu jeito de se estruturar psiquicamente. Defini-lo dentro de um catálogo que, a cada atualização, abarca mais e mais o que é do subjetivo para dentro do padrão do normal ou patológico, diz de uma política perversa no trato da infância.

Maurano vem dizer da diferença da posição do analista diante do analisante no tratamento psicanalítico. O que produz um efeito muito diverso no destino de um sujeito em comparação ao uso do diagnóstico em algumas terapêuticas. As que tomam a criança segundo um organismo que se desenvolve e amadurece, comandado pelo sistema neurológico e não por um sujeito de desejo que habita um corpo pulsional.

Enquanto psicanalistas não somos juízes para absolver ou condenar as opções tomadas pelo sujeito. E também nossas hipóteses diagnósticas como bem diz o nome, são hipóteses, não sentenças. Referem-se à defesas privilegiadas por um sujeito e não a degenerações ou doenças. E ainda, só podem ser levantadas no contexto de um processo psicanalítico em curso, servindo para que o analista, no caso, se oriente quanto ao seu modo de intervir. Isso serve a ele, não ao analisante. E é bom que se diga que para que o analista possa se emprestar a essa difícil função clínica, é preciso que ele pendure seu eu cheio de si, e de 'gênero', na sala de espera, e compareça como 'trans', ou seja, suporte mutante

de todas as investidas que o desejo inconsciente pode operar na contingência da trans-ferência (MAURANO, 2019).

Os transtornos infantis são elencados nos catálogos de classificação das doenças; eleito pela Organização Mundial de Saúde (OMS), como o Manual Diagnóstico e Estatístico de transtornos Mentais (DSM-5) e a Classificação Internacional de Doenças (CID-11), que chegaram em 2022, como líder universal das patologias. A tribo de muitos profissionais da saúde que compõem a massa daqueles que tomam o DSM-5 e a CID-11 como seu líder, se sustentam na crença irrefutável do determinismo orgânico/neurológico que, sem a menor sombra de dúvida, pode, com seu saber absoluto e normativo, dizer de um ser sustentado, no final das contas, por suas sinapses. Oscar Cirino, discutindo a genealogia da psiquiatria infantil, nos convoca a estarmos atentos aos “conflitos, jogos de força e interesses, de dominação, especialmente sobre o corpo das crianças, dos adolescentes, das famílias presentes na prática desse saber” (CIRINO, 2015, p. 31).

Um site² de uma instituição de ensino superior – IPEMED/AFYA Educação Médica – que oferece cursos de pós-graduação lato sensu em diversas especialidades médicas por todo o Brasil, ao apresentar a nova atualização da CID-11, destacando a sua funcionalidade, diz que essa ferramenta teve a função de apresentar os avanços tecnológicos da medicina. E enfatiza que as as ferramentas eletrônicas fo-

2 CID-11: Veja o que mudou na classificação de doenças. IPEMED Educacional, Viver de medicina. Disponível em: <https://ipemed.com.br/blog/cid-11-veja-o-que-mudou-na-classificacao-de-doencas/>. Acesso em: 11 dez. 2021.

ram simplificadas com o objetivo de facilitar o registro dos prontuários de forma mais eficiente.

É visível que o fim está em facilitar o trabalho dos profissionais, estabelecendo rotinas eficientes e padronizadas. Eficiente, nesse caso, seria o quê? Eficiente para quem? Para a rotina administrativa do trabalho do profissional ou para construir um bom diagnóstico clínico dos transtornos infantis, que, para além do organismo, também deveria ser levado em conta as questões sociais e emocionais?

O que de importante na constituição psíquica do bebê faz parte da formação dos profissionais da área de saúde no Brasil? Mais especificamente, a formação dos pediatras que foram eleitos pelo Ministério da Saúde, por meio da Lei nº 13.438, de 2017, para detectar os riscos de sofrimento psíquico nos bebês de zero a 18 meses, utilizando um protocolo criado sem ter sido especificado. Será que houve alguma modificação na grade curricular dos cursos de graduação ou pós-graduação, que formam esses profissionais da área da medicina, para que saibam como o aparelho psíquico se estrutura? Qual o interesse em eleger o profissional da medicina, sendo que o aparelho psíquico é o objeto de estudo da área psicológica, mais especificamente da psicanálise? Quais os sinais que os pediatras buscam para detectar o sofrimento psíquico do bebê?

Mesmo assim, a realidade que a prática clínica nos mostra é que essas três tribos: a dos médicos da infância, principalmente os neurologistas; a dos psicólogos, principalmente os cognitivos comportamentais e os da neuropsicologia

e também a tribo dos educadores, que, em geral, não questionam os outros dois discursos, parecem ter se transformado em uma massa liderada pelo DSM-5 e pela CID-11.

Com o altíssimo índice de medicalização da infância, que vem crescendo vertiginosamente, principalmente em tempos de pandemia, uma pesquisa internacional com crianças e adultos, em 21 países, conduzida pelo Fundo Internacional de Emergência das Nações Unidas para a Infância – UNICEF – e a Empresa de Pesquisa de Opinião dos Estados Unidos – Gallup³ –, apresentou, em um relatório da Situação Mundial da Infância, de 2021, uma estatística que, em média, um em cada 5 crianças e jovens apresentavam algum transtorno. Sem contar o impacto subjetivo na vida deles. Uma análise da *London School of Economics* estima que transtornos mentais que levam jovens à incapacidade ou à morte acarretam um déficit econômico de quase US\$ 390 bilhões por ano. Quem paga por isso e quem ganha com essa situação?

Algumas pesquisas de conclusão de curso de graduação em psicologia contribuíram com esses questionamentos. Uma delas, realizada por Silva (2017), ano em que a Lei nº 13.438 foi estabelecida, mostra a dificuldade dos profissionais pediatras, desprovidos de recursos para exercerem as novas exigências que o Sistema Único de Saúde (SUS) foi

3 Impacto da Covid-19, na saúde mental de crianças, adolescentes e jovens, é significativo, mas somente a ‘ponta do iceberg’. Unicef Brasil/para cada criança. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/comunicados-de-imprensa/impacto-da-covid-19-na-saude-mental-de-criancas-adolescentes-e-jovens>. Acesso em: 11 dez. 2021.

obrigado a adotar. Mesmo havendo, no Brasil, dois instrumentos disponíveis, de fácil e eficiente utilização, os quais cumpririam perfeitamente as exigências da referida Lei, quais sejam, os Indicadores de Risco para o Desenvolvimento Infantil (IRDI), uma ferramenta brasileira e, o protocolo francês, Prevenção do Autismo (PREAUT). Contudo esses e outros eram desconhecidos pelos pediatras.

O trabalho de Silva (2017) teve o objetivo de verificar se os pediatras levavam em consideração o bem-estar psíquico do bebê em seu primeiro ano de vida e também verificar quais instrumentos os pediatras utilizavam para essa avaliação e detecção dos sinais de risco de sofrimento psíquico. Dentre os dez pediatras pesquisados, apenas um deles disse se atentar para os sinais de riscos psíquicos apresentados pelo bebê. Outros profissionais foram contatados, mas não participaram da pesquisa, alguns alegaram falta de tempo e solicitaram uma prévia das perguntas da entrevista, para posteriormente realizá-la, os demais apenas recusaram participar. Essas dificuldades apresentadas denotam uma possível falta de interesse pelo tema sobre os aspectos psíquicos dos bebês e/ou mesmo a falta de conhecimento do assunto e sua fundamental importância. Comumente o funcionamento psíquico é confundido com o comportamento da criança.

Algumas falas dos profissionais podem elucidar esse panorama. – *Os aspectos psíquicos do bebê? – É difícil, no início, você perceber algum aspecto psíquico num recém-nascido, num bebê. – Vou falar bem sincero, é muito pouco avaliado. Eu particularmente avalio do ponto de vista psíquico um*

bebê de zero a um ano, você tá falando de um bebê de zero a um ano? [...] o comportamento psíquico da criança, né, um pouco profundo isso, né? Pra gente poder tá avaliando, né? Ainda mais de um bebê de zero a um ano, né? – Eu acho muito difícil, é muito subjetivo você falar, entendeu? Isso é... você tem que conhecer muito bem a mãe [...], a criança, pra você chegar a um diagnóstico disso. – O aspecto psíquico do bebê, né, até um ano de idade [...] hã... na minha opinião, ele é muito pouco entendido pelo pediatra. Eu posso falar da minha prática, é realmente algo que eu não tenho essa facilidade de percepção, de entender a queixa, né... desse paciente pediátrico.

Um segundo trabalho, realizado por Soares (2018), buscou identificar o crescente aumento de diagnósticos voltado a fase da infância, patologizando comportamentos de acordo com uma visão simplista da formação do sujeito, além da utilização de medicação como recurso principal no tratamento destas crianças. Participaram desta pesquisa 198 processos realizados na Clínica-Escola de uma universidade do município entre os anos de 2013 e 2017. A faixa etária analisada foi de três a 13 anos de idade. Os resultados indicaram um percentual de crianças medicalizadas de 23,23%. E segundo Soares, para a *American Academy of Pediatrics* (2018), o tratamento mais recomendado para crianças de seis a 11 anos é o medicamentoso, acompanhado de terapias comportamentais, aquelas que trabalham com o condicionamento do comportamento. Justifica-se assim, o panorama atual, tão encontrado na tríade dos tratamentos dos transtornos infantis: os diagnósticos médicos, muitas

vezes, avaliados pelos testes psicológicos, tão solicitados pelas escolas, para que a criança possa ser atendida em sua necessidade escolar. Visto que, em nosso sistema educacional atual, o discurso médico suplanta o saber pedagógico. Realidade que não é sem grandes perdas subjetivas para as crianças marcadas pelo signifiante “Laudadas”.

O maior número de casos dos atendimentos realizados na Clínica-Escola – serviço oferecido pelas universidades com o objetivo de propiciar aos estudantes do curso de psicologia a prática clínica de sua profissão – foram atendidos no Laboratório de avaliação psicológica onde se realizam os testes psicológicos tão solicitados pelos médicos. Esses testes se destacam quanto ao número de crianças que iniciam o processo pelo psicodiagnóstico (76,77%), acompanhado da psicoterapia (13,13%) e esta, por sua vez, seguida da psicologia educacional (10,10%).

Com relação aos encaminhamentos, a maior porcentagem (28,28%) foi por meio dos médicos, seguidos dos familiares (21,7%) e, finalmente, por intermédio da escola (19,7%). De acordo com Guarito & Voltolini (2009), essas três tribos foram os núcleos do movimento higienista, pelos quais tanto no Brasil quanto na Europa, as famílias e as escolas foram sugestionadas, contando também com o apoio do Estado.

Das crianças que chegaram ao atendimento da Clínica-Escola, 46 delas utilizavam algum tipo de medicamento, sendo que (21,74%) foram diagnosticadas com TDAH. Outras (17,39%) com Dificuldade de Aprendizagem e finalmen-

te (15,22%) com Hiperatividade, empatado com Autismo (15,22%). O que dá (69,57%) das causas de medicalização.

Quanto aos medicamentos ministrados para as crianças, há uma prevalência do uso de Ritalina (33,33%), em seguida o uso da Imipramina (16,67%). Ressaltando que das 198 crianças avaliadas, 46 delas, ou seja, (23,23%) dos casos apresentam uso de alguns medicamentos. Com esse resultado apresentado, observamos que uma criança está tomando mais de um medicamento ao mesmo tempo.

Uma terceira pesquisa, realizada por Costa (2019), dois anos depois do estabelecimento da Lei nº 13.438, com um grupo de mães com bebês de zero a 18 meses, procurou investigar as seguintes questões: se as mães, no período pré-natal, recebiam orientação de algum profissional sobre a importância de sua relação com o bebê para o seu desenvolvimento psíquico; quais foram os profissionais que deram a orientação; se as mães sabiam reconhecer sinais de risco de sofrimento psíquico no bebê e, finalmente, se elas tinham ciência da importância da intervenção precoce para os bebês de zero a 18 meses em risco de sofrimento psíquico.

A conclusão que se chegou, diante dessas questões, foi que, para os profissionais da área da saúde, o psiquismo não é levado em consideração, pois não ofereceram nenhuma orientação às mães sobre essa temática; que a atenção dos profissionais que tiveram contato com elas durante o período de gestação é centrada no desenvolvimento fisiológico; o desenvolvimento psíquico não foi abordado por nenhum

dos profissionais nem mesmo depois do nascimento. Geralmente, o clínico geral e o ginecologista obstetra foram os profissionais com maior contato com as mães, visto que, em nenhum momento da pesquisa, a figura do pediatra foi citada por elas.

Para finalizar, ficam os questionamentos apresentados diante de uma realidade social que patologiza a infância, que busca saídas medicamentosas como principal forma de controlar os corpos infantis transtornados e calar a subjetividade, desconsiderando os significantes contemporâneos que marcam o sujeito em sua constituição psíquica. Em seu texto “Subversão do sujeito”, Lacan diz que “um significante é o que representa o sujeito para outro significante.” (LACAN, 1960-1998, p. 833). Quais são os significantes nos quais essa massa de EUS se sustenta? A psicanálise e sua ética é, foi e sempre será necessária, para fazer valer o inconsciente, e para manter o desejo em causa como ponto de libertação do sujeito.

Abstract: According to a survey carried out in the USA by the Centers for Disease Control and Prevention (CDC), in 2020 there was a jump in statistics of one case of ASD for every 56 children. Even taking into account that the conclusion of a diagnosis in children that still are in the development phase, should not be carried out, as a multidisciplinary approach is necessary for a conclusive diagnosis, this is not the reality that surrounds us. Since many autistic signs can be found in non-autistic children, but with other disorders, whether genetic or psychological, a differential

diagnosis can define the fate of a baby. The objective of this work is to raise some questions, based on the foundations of psychoanalysis, regarding the dizzying increase in diagnoses of childhood disorders, mainly ASD in the southern region of Minas Gerais. This has caused great discomfort in the family and school context.

Keywords: Autism. Diagnosis. Psychoanalysis.

Referências

BERNARDINO, Leda Mariza Fischer. A intervenção psicanalítica nas psicoses não decididas na infância. In: COLOQUIO DO LEPSI IP/FE-USP, 5., 2004, São Paulo. *Scielo Proceedings*. Disponível em: <http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC0000000032004000100004&lng=en&nrm=abn>. Acesso em: 11 dez. 2021.

CID-11: Veja o que mudou na classificação de doenças. *Afya – Educação Médica*, 2019. Disponível em: <<https://shre.ink/U7j8>>. Acesso em: 11 dez. 2021.

CIRINO, Oscar. Genealogia da Psiquiatria da Infância. In: _____, Kamers, M. *Por uma (nova) Psicopatologia da Infância e da Adolescência*. São Paulo: Escuta, 2015.

COSTA, Felícia Maria Aparecida de Oliveira. *Deteção Precoce dos Sinais de Sofrimento Psíquico em Bebês de Zero a 18 Meses: Uma via para a não patologização*, Universidade do Vale do Sapucaí – Univás, Pouso Alegre, 2019.

FEREIRA, Severina Silva. Se as estruturas são não decididas na infância, como pensar o diagnóstico de autismo na criança? In: FERREIRA, Severina Sílvia (Org.). *O Autismo e a questão da detecção precoce*. Recife: Linceu, 2019. p. 87-94.

FREUD, Sigmund. Psicologia das massas e análise do eu (1919). In: TAVARES, Pedro Heliodoro de Moraes Branco. *Cultura, Sociedade, Religião: o mal-estar na cultura e outros escritos*. Belo Horizonte: Autêntica, 2020, p. 137-225.

GUARIDO, Renata; VOLPONI, Rinaldo. *O que não tem remédio, remediado está?* Educação em Revista. Belo Horizonte, v. 25, n. 01, p. 239-263, 2009.

Impacto da Covid-19 na saúde mental de crianças, adolescentes e jovens é significativo, mas somente a ‘ponta do iceberg’. *Unicef para cada criança*. 04 out. 2021. Disponível em: <<https://shre.ink/U7zd>>. Acesso em: 11 dez. 2021.

LACAN, Jacques. *O Seminário, livro 10: a angústia* (2005 [1962-1963]). Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

LACAN, Jacques. Subversão do sujeito e dialética do desejo (1960). In: _____. *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

SILVA, Renato Gonçalves. *Detecção de risco do autismo: o lugar do laço mãe-bebê na clínica pediátrica*. 2017. 95 f. Trabalho de Conclusão de Curso [Graduação em Psicologia] – Universidade do Vale do Sapucaí, Porto Alegre, 2017.

SOARES, Thiago Brandão. *Patologização da infância e o uso de medicamentos*. 2018. Trabalho de Conclusão

de Curso (Graduação em Psicologia) – Universidade do Vale do Sapucaí, Pouso Alegre, 2018.

HOOGSTRATEN, Antônia Motta Roth Jobim van; SOUZA, Ana Paula Ramos de; MORAES, Anaelena Bragança de. A complementaridade entre sinais PREAUT E IRDI na análise de risco psíquico aos nove meses e sua relação com idade gestacional. *CODAS* [online]. 2018, v. 30, n. 5. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/2317-1782/20182017096>>. Acesso em: 11 dez. 2021.





DA CLÍNICA



Quando a escuta nos aproxima daquele que faz parte da Geração do Quarto

Luciene Pereira Miranda de Moraes¹

Resumo: Este texto foi elaborado a partir dos estudos de “O Seminário X: a angústia” de Lacan (1962-1963), que ocorreram pela ATO – escola de psicanálise. E também a partir do percurso da análise de um paciente, que vivenciava algumas questões relacionadas à angústia, remetendo-o a uma inibição que lhe causou períodos de isolamento social.

Palavras-chave: Angústia. Inibição. Demanda. Desejo. Transferência.

*Tenho uma coisa para falar.
Serviço é bom, mas minha mente me diz para fugir o
tempo todo,
Eu tenho medo de tudo e de todos
É desesperador
É por isso que eu odeio voltar aqui fora.
Eu me machuco.²*

1 Psicanalista. Em formação na ATO – escola de psicanálise.

2 Fala de paciente.

Em meados do século XX, as residências familiares, principalmente as ocidentais, passaram por modificações em seus cômodos, que proporcionaram uma reorganização espacial e afetiva entre os membros constitutivos da célula familiar oitocentista.

Em sua tese de mestrado, Santos apresenta a transformação da arquitetura nos ambientes residenciais. O quarto que, em vários períodos históricos, foi um lugar comunitário, dividido por vários integrantes de uma família, foi alçado à categoria de espaço íntimo e se transformou em um ambiente privado para o sujeito moderno. A situação de isolamento, no âmbito familiar, proporcionou ao sujeito da modernidade uma conquista de liberdade, ao permitir o movimento de exílio, períodos de solidão, introspecção e desenvolvimento da singularidade em condição dialógica entre o psiquismo e o ambiente – tornado espaço-espelho –, onde o sujeito passou a projetar o seu eu, imprimindo-lhe marcas psíquicas na decoração, no mobiliário e nas sensações afetivas, no cuidado higiênico ou não (SANTOS, 2011).

Em sua pesquisa, Ferreira reforça que a atual geração dos jovens mantém uma relação com o quarto de espaço-esconderijo, sendo este utilizado para momentos de profundo isolamento familiar e social, onde meninos e meninas experimentam muitas formas de sofrimento psíquico, se deparando com vivências traumáticas que, por muitas vezes, a família não percebe (FERREIRA, 2022).

No que se refere a sua pesquisa, Ferreira coletou dados em cinco estados brasileiros: Pernambuco, Rio Grande do

Norte, Alagoas, Rio de Janeiro e Minas Gerais, publicando posteriormente sua obra intitulada “Geração do Quarto”.

Pelos sujeitos estarem em sofrimento psíquico, vivendo em um isolamento, muitas vezes, sustentado pela própria família, os adolescentes e os jovens adultos podem não se sentir confortáveis, seguros e capazes. Essa ausência de vínculos com o outro poderá proporcionar um sentimento de angústia, vazio e uma anulação de sentidos.

Assim o analista, orientado pela ética psicanalítica, com sua escuta, tem imensos desafios na contemporaneidade diante desses sintomas atuais. Cabe ressaltar que, o analista, ao não responder a demanda do sujeito prontamente, coloca o sujeito angustiado a trabalhar diante da falta.

Em relação aos jovens adultos, estes se sentem extremamente fragilizados, impedidos muitas vezes de enfrentarem maiores desafios, por exemplo, dificuldades de relacionamentos, sem perspectivas concretas de buscarem emprego, sedentos por um mundo on-line, o qual não lhes exige esforço e implicação. Passam horas, dias ou até mesmo meses, em um quarto, mantendo tanto o contato físico quanto o contato verbal, quase exclusivamente, com quem reside no mesmo ambiente. Mas, não é o fato de estar no quarto que adoce esse sujeito, mas, sim, a preferência por reclusão e por isolamento a interações sociais.

No entanto, a pesquisa demonstrou que esses jovens geralmente simbolizam seus conflitos psíquicos no Real do corpo, exibem nele suas marcas como as tatuagens, as rou-

pas, os acessórios, as maquiagens e os piercings. Também utilizam o próprio corpo como espaço de apresentação da dor e, ao marcar o próprio corpo, o sujeito solitário desvia sua pulsão agressiva para si mesmo, “[...] como se o corpo marcado fosse o registro silencioso da violência pela qual passam e a qual experimentam” (FERREIRA, 2022, p. 95).

Pode-se dizer que esse corpo marcado não é sem angústia, angústia esta, que, no “Seminário 10”, Lacan aponta que não é sem objeto. Para ressaltar o tema, são trazidos nesta escrita, fragmentos de um caso clínico, que mostrará como a angústia vivenciada pelo analisante foi um sinal para o direcionamento do tratamento (LACAN, 1962).

Para Lacan, a angústia é um afeto norteador da clínica psicanalítica – afeto sem representação, inserido na ordem do real. A angústia é um afeto que não engana, que tem uma relação com a falta e não deve ser confundida com o sintoma (LACAN, 1962).

Por ser um afeto que não é sem objeto, surge sempre quando a falta, que é da estrutura da constituição do sujeito, é tamponada. A angústia não passa pela cadeia de significantes logo não é suscetível de ser representada ou traduzida em palavras.

Conseguimos entender o conceito de falta, por meio da presença-ausência da mãe, enquanto primeiro objeto de satisfação da criança. Ela se angustia diante da falta do seio materno pela ameaça de não o ter. Assim, é na possibilidade de falta do objeto que o desejo se instala no sujeito.

Quinet afirma, em sua obra “A descoberta do inconsciente: do desejo ao sintoma”, que a demanda surge como componente primordial da primeira experiência de satisfação do bebê. O bebê necessita de alimento e busca no outro semelhante – mãe – sua satisfação. O bebê agita-se e chora e, por sua vez, a mãe interpreta esse grito como demanda de satisfação (QUINET, 2000).

O que define demanda de satisfação não é apenas a busca pelo objeto, mas, sim, ir ao seu encontro passando pelo Outro, por meio da linguagem.

Desse modo, seria por meio da linguagem que o desejo, enquanto representante da falta, possibilita o movimento pulsional do sujeito, fazendo com que ele busque sempre uma nova satisfação.

A direção do tratamento deve incluir a dimensão do desejo, da falta. O analista, ao ocupar o lugar de objeto causa-de-desejo, contribui para que este sujeito que chega inibido, a fim de não ter que se haver com a angústia, construa uma significação para seu mal-estar, uma história que dê algum sentido e que o desejo possa surgir no lugar da angústia.

O analisante iniciou o tratamento e se descrevia como tímido. Relatava que, na escola, tinha poucos amigos por não gostar de se relacionar; sentia que os colegas faziam bullying com ele e sempre relatava seu medo de se aproximar das pessoas.

Entre melhoras e recaídas decidiu sair do emprego, afirmando que não é a dificuldade de desempenhar o trabalho

e sim de se aproximar das pessoas. Durante esse percurso o paciente encontrou outro trabalho e novamente saiu, alegando o mesmo motivo. – *Tenho medo, não consigo conversar, eu travo.*

Sem trabalho, o jovem foi impactado com a Covid-19, ficando ainda mais isolado em seu quarto. As sessões foram acontecendo on-line, e, naquele período, escutava-o mais tranquilo. Agora estava “de boa”, pois não era preciso se relacionar com ninguém. Ao mesmo tempo, passava por inquietações provenientes de descobertas sexuais e pelo não reconhecimento de si.

Na cultura nipônica, ocorre o fenômeno *Hikikomori*, no qual o analisante está identificado. São jovens solitários, tristes e isolados em seus quartos. É considerado como um grave fenômeno que acomete os jovens japoneses, sendo classificado como doença, na literatura médica japonesa, que acomete 80% dos jovens do sexo masculino.

Bello afirma que os *Hikikomoris* apresentam características como um fanatismo por games, o uso frequente da internet, a obsessão por temas ligados a morte e o entusiasmo por colecionar objetos (BELLO, 2013).

Esse perfil de adolescentes e de jovens adultos podem permanecer por meses ou anos trancados em seus quartos. São conhecidos como jovens solitários que possuem entre 16 e 30 anos de idade; são tristes, isolados e fazem do seu quarto uma ilha. Vivenciando uma clausura espontânea – seguros –, na comodidade de seu quarto, passam a viver,

por muito tempo, às voltas com as imagens virtuais como recurso para simbolizar e eternizar o que estão sentindo.

De acordo com Pichia e Cavalheiro, os Hikikomoris, em determinadas ocasiões, utilizam seus corpos como disfarces para anular seu eu, para apropriar-se apenas daquilo que é suportável de acreditar, ou seja, na tentativa de anular sua existência, anular a falta. Mas, a incompletude permanece, pois se fazem presentes – ausentes –, se ausentam do contato social, mas interagem dentro dos jogos virtuais. (PICHIA, 2013).

Tal como acontece no *Massively Multiplayer Online* (MMO), considerado o jogo mais popular dos games, no qual jogam centenas de pessoas ao mesmo tempo. Um *Hikikomori* tem dificuldades de inserir-se no laço social e, ao se sentir excluído da sociedade, se anula.

Em seu processo de posicionamento, como um ser sexual, encontrará alguns entraves, ao negar a própria genitalidade, tornando-se assim, um sujeito que prefere transitar em um mundo inteiramente virtual e não corpóreo, limitando sua possibilidade de satisfação no laço social.

Pode-se fazer uma analogia ao fenômeno *Hikikomori* com o encontrado no caso apresentado. A direção do tratamento se sustentou em abrir espaço para o desejo do sujeito; durante as sessões, foi manifestando seu interesse em fazer coisas fora do seu universo on-line, voltou a passear com seu cachorro, voltou para a academia, está se relacionando com os colegas do seu novo trabalho. Foi necessário retirá-

-lo de um movimento de gozo autoerótico para entrar em um movimento moebiano, passando pela intersecção entre o campo do sujeito e o campo do outro para que algo do desejo pudesse surgir.

Após algum tempo de análise, o analisante não precisou mais ficar em seu quarto protegido por paredes, para se resguardar do olhar invasivo e ataques do outro, entretanto, ao mesmo tempo, passou a fazer um uso diferente da internet; agora a utiliza, como forma de interação social e encontros com o outro, sustentando o seu lugar de sujeito.

Abstract: This text was elaborated from the studies of Seminar X, by Lacan about “anxiety”, which took place by ATO – school of psychoanalysis. And the course of the analysis of a patient who experienced some issues related to - anguish, referring to an inhibition causing him periods of social isolation.

Keywords: Anguish. Inhibition. Demand. Desire. Transfer.

Referências

DAL BELLO, Cíntia. Identidade-bunker em redes sociais: a problemática dos *Hikikomori*. In: SAITO, Cecília Noriko Ito; GREINER, Christine (Org.). *Hikikomori: a vida enclausurada nas redes sociais*. São Paulo: Intermeios, 2013.

CAVALHEIRO, Gustavo A. T.; PICHIA, Pedro del. O Fenômeno *Hikikomori* como uma experiência de

uma existência psicocomunicativa. In: SAITO, Cecília Noriko Ito; GREINER, Christine (Org.). *Hikikomori: a vida enclausurada nas redes sociais*. São Paulo: Intermeios, 2013.

FERREIRA, Hugo Monteiro. *A geração do quarto*. 1. ed. Rio de Janeiro: Record Ltda., 2022.

LACAN, Jacques, *O Seminário, livro 10: a angústia (1962-1963)*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

QUINET, Antonio, *A descoberta do inconsciente: do desejo ao sintoma*. 4. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

SANTOS, Suellen Dayse Versiani dos. *A casa brasileira do século XIX e seus desdobramentos na produção residencial de Belo Horizonte: influência dos antecedentes coloniais e o papel do neoclassicismo e do ecletismo*. 2011. 236 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011. Disponível em: <<https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/BUOS-8GKMUQ>>. Acesso em: 28 jun. 2023.



Tempo, Interpretação e Sexualidades Trans

Pedro Braccini Pereira¹

Resumo: O presente artigo se dispõe a analisar o fenômeno trans sob a luz do discurso e da prática clínica contemporânea da psicanálise lacaniana.

Palavras-chave: Gozo. Trans. Sexuação.

A vinheta clínica que segue ilustra uma parte das discussões contidas neste artigo. Alguns dados da realidade, como os nomes, estão distorcidos ou suprimidos, mas o que está de fato em questão persiste e permite fundamentar a transmissão.

Maria Joana iniciou, aos 13 anos de idade, seu tratamento em virtude de uma grave fobia escolar. Foi levada pela mãe com quem vivia à época e com quem ficou após a separação dos pais. A mãe se queixava da dificuldade de acordar a filha para ir às aulas. Costuma tratar sua filha, como objeto, de uma forma invasiva. O pai, ao contrário da mãe, se apresenta permissivo, apagado e tem a preferência da filha pelo seu modo de relacionar com ela. A adolescente apre-

1 Psicanalista. Correspondente da Federação Europeia de Psicanálise (FEDEPSY), psiquiatra diretor do Centro de Atenção Psíquica Freud Cidadão (B.H.).

sentava uma inibição importante nas sessões, melhorando com o passar dos anos. Apresentava igualmente uma posição melancólica, identificada, em suas palavras, à figura do “eremita”.

Manifestou, aos 17 anos, sua vontade de trocar de nome e mudar seu corpo. Fez, por dois anos, tratamento com hormônio masculino e, com isso, mudou o timbre da voz, adquiriu massa muscular e pelos. Ensaiou uma primeira troca informal de nome, intitulado-se Francisco. Tal mudança durou apenas alguns meses, indicando uma vacilação diante de tal escolha. Na sequência, decidiu escolher um novo nome com um ar mais neutro, conforme explicou, e finalmente o fixou socialmente: Ariel.

Hoje, com 20 anos, ainda não registrou oficialmente, em cartório, seu novo nome social, que já vem sendo empregado pelo entorno mais próximo. Recentemente revelou que o último passo da readequação identitária do seu próprio corpo seria o registro formal da troca já ocorrida socialmente de seu nome. Sintomaticamente esse passo vem sendo adiado, apesar de parecer mais simples de efetivar do que a própria intervenção hormonal, já ocorrida. Parece haver, na relação desse sujeito ao nome com o qual é chamado pelo Outro, uma maior suscetibilidade do que na sua relação com o próprio corpo. Algo desse Outro, que o chama, pesa sobre seu corpo e o inibe. Nesse caso, caberia uma leitura mais singular, ainda que não seja nosso intuito, aqui. Mas a manifestação de sua singularidade também enseja um panorama mais amplo, em que tem sido questão de uma maior fluidez na articulação dos nomes e dos corpos.

Mesmo que ainda não tenha sido formalmente o caso do exemplo anterior, o Brasil teve, no primeiro semestre de 2022, um recorde de mudanças de nome e de sexo. Segundo a Associação Nacional dos Registradores de Pessoas Naturais (Arpen Brasil), os cartórios brasileiros registraram 1.124 mudanças de nome e de sexo de pessoas transgêneros em documentos oficiais no referido período (PODER360, 2023). Uma série histórica teve início, em junho de 2018, depois da decisão do Supremo Tribunal Federal (STF), que permitiu a alteração de nome e de sexo sem a necessidade de cirurgia ou de autorização judicial, e que diz o seguinte:

[...] o transgênero tem direito fundamental subjetivo à alteração de seu prenome e de sua classificação de gênero no registro civil, não se exigindo, para tanto, nada além da manifestação de vontade do indivíduo, o qual poderá exercer tal faculdade tanto pela via judicial como diretamente pela via administrativa. (Poder360, 2023, n.p²)

As doutrinas jurídicas nacional e estrangeira, de um modo geral, têm inserido o direito do indivíduo de se submeter à alteração do status sexual em um direito inerente à própria pessoa, um direito de personalidade, tipificando-o como um direito ao próprio corpo.

No que diz respeito ao número de cirurgias de redesignação sexual ou transgenitalização, houve um aumento em

2 “n.p” significa “não paginado”. Segundo a ABNT, não é permitido fazer citação direta sem página. Contudo algumas instituições recorrem em outras normas, como as da *American Psychological Association* – Associação Americana de Psicologia (APA) para complementar essas lacunas da ABNT.

mais de seis vezes, de 10 operações por ano para mais de 60 atualmente, desde que o Sistema Único de Saúde (SUS) passou, em 2008, a cobrir o tratamento para pessoas transgênero. Com relação às terapias hormonais, a quantidade de prescrições de hormônios também deu um salto expressivo, de 171 para 1,9 mil entre 2008 e 2017 (SOUTO, 2018).

A cirurgia de adequação de sexo só ocorre por indicação médica, conforme o Código Civil, lei nº 10.406/2002, e o enunciado do Conselho de Justiça Federal (CJF). Os requisitos do procedimento estão atualmente previstos na resolução do Conselho Federal de Medicina (CFM), lei nº 2.265/2019, que dispõe sobre o cuidado específico à pessoa com incongruência de gênero ou transgênero, e que revoga a resolução anterior de 2010. Não previstas na resolução anterior, ficaram também contempladas as questões relacionadas à hormonioterapia cruzada e à realização de bloqueio puberal, ainda considerado experimental e sujeito a protocolos a serem aprovados (CFM, 2019).

A atenção especializada de cuidados específicos ao transgênero, de que trata a resolução da lei nº 2.265/2019, deve então contemplar o acolhimento, o acompanhamento ambulatorial, a hormonioterapia e o cuidado cirúrgico, conforme preconizado no “Projeto Terapêutico Singular”, norteado por protocolos e diretrizes vigentes. Nos termos do seu artigo 5º, o atendimento às pessoas transgênero deverá ser feito por uma equipe médica multidisciplinar composta por pediatra – quando menores de 18 anos –, psiquiatra, endocrinologista, ginecologista, urologista e cirurgião plástico, sem prejuízo da participação de outros profissionais

da saúde. Segundo essa última resolução, a depender da idade, as ações sugeridas deverão envolver pais ou responsáveis legais de crianças ou adolescentes. Para este grupo, a assistência deve estar articulada com escolas e instituições de acolhimento.

A resolução proíbe a realização de procedimentos hormonais ou cirúrgicos em pessoas diagnosticadas como portadoras de transtornos psicóticos graves, transtornos de personalidade graves, retardo mental e transtornos globais do desenvolvimento graves. Qualquer procedimento só será realizado mediante a assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido do paciente e, no caso de menores de 18 anos, também do termo de assentimento. A resolução também estipula que, na atenção médica especializada ao transgênero, é vedada a realização de procedimentos cirúrgicos de afirmação de gênero antes dos 18 anos de idade. Sendo a afirmação de gênero o procedimento terapêutico multidisciplinar que, por meio de hormonioterapias e/ou cirurgias, permite à pessoa adequar seu corpo à sua identidade de gênero. O tratamento hormonal cruzado, por sua vez, só poderá ser iniciado a partir dos 16 anos. Ademais, os procedimentos cirúrgicos só poderão ser realizados após acompanhamento prévio mínimo de um ano pela equipe multiprofissional e interdisciplinar.

As “experiências trans” já foram nomeadas de diversas formas nos manuais que determinam os critérios diagnósticos dos quadros que compõem a nosologia médica. No caso específico do Manual de Diagnóstico e Estatística dos Trans-

tornos Mentais (DSM), assinado pela Associação Americana de Psiquiatria (APA) e principal influência no discurso neurocientífico do mundo inteiro, encontramos certa graduação: o que, em um primeiro momento, era definido por “Transexualismo” se tornou mais tarde “Transtorno de Identidade de Gênero” e, na sua quinta e última edição, o DSM-5, passou a ser reconhecido com o termo “Disforia de Gênero”. Já, na Classificação Internacional de Doenças (CID), adotada pela OMS e com valor de uso técnico e burocrático em diversos países, a transição proposta é mais direta: passou-se do “Transexualismo”, que era uma subcategoria de um subgrupo de transtornos psiquiátricos, conhecidos como “Transtornos da Identidade Sexual”, para a “Incongruência de Gênero”. Na sua mais recente versão, a CID-11, a “Incongruência de Gênero” é uma subcategoria de um grupo mais amplo, nomeado “Condições relacionadas à Saúde Sexual”, e que não pertence, por sua vez, aos quadros propriamente psiquiátricos geralmente denominados de “transtornos”. (CANO-PRAIS; COSTA-VAL; SOUZA, 2021).

Enquanto isso, no âmbito da infância e da adolescência, a categoria nosológica de criança trans permite incluir crianças a partir da idade de três anos, crianças pré-púberes e adolescentes no começo de sua puberdade até a idade de 16 anos. A CID-11, com sua categoria diagnóstica “Incongruência de Gênero na Infância”, seguiu o DSM-5 com o surgimento, em 2013, da categoria “Disforia de Gênero na Infância”. Segundo Scott Leibowitz, psiquiatra do Nation-

wide Children’s Hospital de Ohio, nos Estados Unidos, e diretor do programa THRIVE que estuda as questões de gênero em crianças, disse que

[...] por volta dos dois anos de idade, a criança já tem consciência de que há o feminino e o masculino, e algumas delas percebem que seu comportamento não condiz com o que o corpo indica. (LEIBOWITZ *apud* PINHEIRO, 2017).

Ele diz ainda, que é por volta dos seis ou sete anos que a desconformidade entre o sexo biológico e a identidade de gênero pode ficar mais evidente (PINHEIRO, 2017).

Tanto a Academia Americana de Pediatria (AAP) como a Sociedade Brasileira de Pediatria (SBP) destacam alguns indícios que os pais e pediatras devem estar atentos. Entre eles, o desejo de se vestir com trajes do sexo oposto, e o sofrimento da criança em relação ao sexo biológico de nascimento, que pode piorar à medida que ela cresce. Segundo o psiquiatra, coordenador do Ambulatório de Transtorno de Identidade de Gênero do Hospital das clínicas (HC) da Universidade de São Paulo (USP), Alexandre Saadeh, não se trata de gostar ou não de um brinquedo, (mas) é de quem a criança é. O que deve chamar a atenção, além da atração ao universo geralmente relacionado ao sexo oposto, é a insistência, ela dizer que não é menino ou menina, seus sentimentos sobre o assunto. De acordo com Pinheiro: “A criança não está emitindo uma opinião, está dizendo quem ela é, e precisa ser ouvida pelos pais” (PINHEIRO, 2017). De uma maneira geral, em todo planeta, os diagnósticos têm sido feitos em crianças e adolescentes cada vez mais

jovens, e os tratamentos propostos se baseiam principalmente nas correntes neurocientíficas e nas tecnologias biológicas de ponta. Formulações como essas de especialistas com aval científico nos remetem à discussão das modalidades contemporâneas de denegação do inconsciente.

Tomar a fala da criança ao pé da letra vai de encontro ao campo propriamente psicanalítico, que propõe um intervalo entre o que se diz e o que se escuta. Há uma redução do ser ao enunciado, impondo um eclipse da enunciação. É a própria interpretação, enquanto ato psicanalítico, que está em risco. Escutar a queixa das crianças é certamente necessário, porém insuficiente. Frequentemente constatamos como pode evoluir uma queixa ou um sintoma da criança, na direção de inventar um novo equilíbrio para seu mal estar, desde que lhe seja oferecido meios para tanto (AFLALO, 2021).

Em nome da defesa dos direitos do homem, em particular das crianças, uma aliança se intensificou nas últimas décadas entre o direito e as inovações tecnocientíficas. No Brasil, a legislação e as diretrizes técnicas, para a abordagem desse fenômeno, nessa faixa etária, ainda soam conservadoras, com relação ao exemplo do país vizinho. Na Argentina, desde 2012, as pessoas transgênero podem inscrever nos seus documentos de identidade o nome e o sexo de sua escolha, sem autorização judicial, cirurgia ou hormonioterapia. A partir de então, essa possibilidade também existe para os menores de 18 anos, sob demanda parental ou do representante legal, com o consentimento da criança, mes-

mo que os pais não estejam de acordo. A contar de 2015, também está permitida a aplicação de bloqueio hormonal, a partir de 10 anos, desde que com o consentimento da criança e dos seus pais. A cirurgia por sua vez está prevista a partir de 16 anos (TENDLARZ, 2021).

Nesse mesmo sentido, existem argumentos tecnocientíficos, utilizados em defesa da intervenção precoce, mesmo que alguns efeitos sejam irreversíveis. Para as intervenções corporais, quanto mais cedo se faz uso dos bloqueadores hormonais ou se inicia a terapia hormonal, melhores seriam, segundo alguns, as respostas do corpo nos anos seguintes. A antecipação das intervenções hormonais faria o paciente melhor se adequar a uma aparência ideal do sexo oposto. O adiamento progressivo da terapia hormonal surge para garantir um melhor resultado estético. A ânsia de nossas sociedades globalizadas, para fornecer uma resposta imediata, não permite às crianças o tempo necessário para atravessar seus questionamentos e assumir uma posição de sujeitos responsáveis.

Em contraponto a tudo isso, se coloca a questão de saber como interpretar tanto os fenômenos de desistência do processo de transição no meio do caminho quanto de arrependimento das intervenções corporais nessa faixa etária. É um fato que muitas crianças e adolescentes mudam de ideia com relação a sua transição e a abandonam durante o processo. É importante notar que muitos estudos, antes de 2015, apresentaram taxas entre 65% e 90% de desistência. Nos processos de transição afirmativa, a aplicação do

bloqueio da puberdade se dá, para que haja um tempo de suspensão, em que o pré-púbere aguarda para se decidir se prosseguirá ou não posteriormente com tratamento hormonal cruzado. O dado estatístico constatado indica que, quanto antes acontecer o bloqueio da puberdade, menor será a chance de desistência para dar prosseguimento ao processo seguinte de hormonioterapia cruzada. Ainda assim, aqueles que não se submetem a tal bloqueio precoce desistem em mais de 60% dos casos (LAURENT, 2021).

Com relação aos arrependimentos póstumos, ainda que minoritários em termos numéricos, é importante considerar sua existência. Em dezembro de 2020, a Alta Corte de Londres avaliou sobre a contenda, opondo o serviço especializado da *Tavistock clinic*, e uma antiga paciente, Keira Bell. Ela afirma que se arrependeu do tratamento de transformação de gênero recebido durante sua adolescência e alegou que era muito jovem, à época, para dar um consentimento verdadeiramente consciente para esse tratamento. Na Argentina, temos o caso de Luana, a primeira menina no mundo a obter sua mudança, em 2013, aos 6 anos de idade. Desde os 3 anos de idade, ela se dizia menina e princesa e se vestia com as roupas da mãe. Sua mãe concluiu que seu filho era transgênero e pediu a mudança de sexo. Aos 12 anos, chegada a hora de um possível bloqueio hormonal, ela rejeita e declara: *não sou nem mulher nem homem, eu sou trans* (LAURENT, 2021, n.p).

O crescimento de demandas à medida que se abrem ofertas de consultas especializadas é, portanto, um fato estabelecido. Nossa prática clínica cotidiana, nos consultórios e

nas instituições, como o Centro de Atenção Psíquica Freud Cidadão³, situado em Belo Horizonte-MG, ainda que não tenha valor estatístico, por não ser o eixo de orientação do nosso trabalho, também presta conta dessa realidade. Será que se trata de uma maior aceitação de um problema social amplamente evocado nas mídias? De uma maior aceitação da identidade transgênero? De uma amplificação pelas redes sociais? De uma nova oferta de tratamento biomédico por meio de prescrições de hormônios que permitem a suspensão das transformações pubertárias? Sem dúvida, parece existir uma combinação de todos esses fatores.

Mas devemos realocar o debate sobre o aumento das demandas de redesignação sexual, para dentro do quadro mais vasto de declarações de identificação sexual mais diverso do que nunca. Uma sondagem do instituto Gallup, de 2020, indica que um adulto em seis, nascido entre 1997 e 2002, atualmente com idade entre 18 e 23 anos, se declara LGBT. Dentre os quais, uma ampla maioria de mulheres que se declararam bissexuais ou sem norma, e que se manifestam de maneira discreta nas redes sociais, mas sem querer aderir a uma comunidade declarada (SCHMIDT, 2021). É, no mínimo, curioso que, além do aumento do número de demandas, exista uma mudança no padrão dessas demandas. Se, até alguns anos atrás, havia uma maioria de demandas de mudança do sexo masculino para o feminino, agora, preponderam as demandas no sentido oposto. Essa

3 Instituição privada de saúde mental em Belo Horizonte – MG, de orientação psicanalítica, que acolhe em tratamento sujeitos adolescentes e adultos em situações de grave vulnerabilidade psíquica.

inflexão está constatada tanto na América quanto na Europa. Os dados dos países nórdicos e anglo-saxões, também mostram duas vezes mais meninas do que meninos que se declaram de gênero “alternativo” (LAURENT, 2021).

Parece existir uma fluidez de gênero do lado feminino para além da questão de redesignação de sexo. Mas como podemos interpretar isso? Os antropólogos constataam uma maior tolerância aos comportamentos masculinos dos sujeitos nascidos com o sexo feminino, do que para com os comportamentos femininos nos sujeitos nascidos como meninos. Com a psicanálise, podemos dizer que basta o enquadramento patriarcal ser menos rígido, para que se manifeste o não-todo feminino na sua ampla diversidade. Isso tem a ver com o que escreveu Jacques-Alain Miller, na contracapa do “Seminário 6”, de Jacques Lacan:

[...] estamos em fase de saída do Pai. Outro discurso está em vias de suplantar o antigo. A inovação no lugar da tradição. Em vez da hierarquia, a rede. O atrativo do futuro prevalece sobre o peso do passado. O feminino alcança o viril. Ali onde reinava uma ordem imutável, fluxos transformacionais estendem incessantemente todo e qualquer limite (MILLER, 2016, n.p).

Para nós, não se trata, aqui, justamente de um mero debate quantitativo, e sim o que se revela para além dos números. Só podemos concordar com Éric Laurent, quando ele diz “[...] que eles revelam a existência de um sintoma.” (LAURENT, 2021, p. 162). Ele aponta que a permissividade estrutural das nossas sociedades, introduz a necessidade apressada da escolha em todos os domínios do íntimo.

A exigência da escolha se introduz pela conexão direta do objeto mais-de-gozar e do sujeito, para além do fantasma. A emergência do capitalismo coloca a questão de saber se se trata ainda de um discurso, uma vez que, a permissão é precisamente alçada ao posto de comando e o circuito é restabelecido diretamente entre o objeto *a* e o sujeito $\$$. (MILLER, 2020, p. 27). O destaque dado atualmente às escolhas permanentes a se fazer, a todo momento da vida, provoca uma angústia inédita. O sociólogo Zigmunt Bauman⁴ (2014 *apud* LAURENT, 2021, p.162), em um sentido semelhante mas a partir do seu campo, diz que o importante é menos modelar uma identidade do que manter a capacidade de remodelá-la. Ele usa o termo biodegradabilidade para dizer do atributo ideal da identidade mais desejada nos dias de hoje.

Existe, portanto, uma inquietação na relação com as escolhas, que estilhaça o enquadramento da tradição em todos os domínios do sexual. Mas, para podermos acolher essas demandas de redesignação, é preciso escutá-las no registro da exigência da exploração de gozos, que transbordam os discursos estabelecidos, e isso desde a infância. As discussões de caso em equipe no Centro de Atenção Psíquica Freud Cidadão, por exemplo, a partir dos diversos relatos de casos apresentados de jovens e adolescentes que ali frequentam um tratamento psiquiátrico e psicana-

4 DESSAL, Gustavo; BAUMAN, Zygmunt. El retorno Del pendulo: sobre psicoanalisis y el futuro Del mundo liquido. Madrid, 2014. (Ediciones Fondo de Cultura Economica de Madrid).

lítico, puderam materializar o que Éric Laurent chamou de “paradigma trans” (LAURENT, 2021, p. 56). Ele afirma que o paradigma trans tem por ideal a fluidez de gênero. Quer dizer que, no curso da elaboração do discurso sobre o gênero, houve uma disjunção do trans e do transexual. O paradigma trans quer substituir o transexual, fazendo do trans um modo de gozo. Algumas pessoas mudam do gênero que lhes é designado por nascimento, porque creem firmemente que pertencem a outro gênero no qual poderiam viver melhor. Enquanto outros querem se aventurar em um novo lugar, em um espaço ainda não claramente descrito ou concretamente ocupado. Outros ainda, simplesmente, sentem a necessidade de desafiar o que se espera do gênero que lhes foi inicialmente imposto. Os transexuais restariam, por sua vez, como casos limites da crença binária.

Da clínica

Ainda que empregado sempre de maneira singular em cada um dos casos discutidos na instituição, constatamos recentemente na prática clínica, no Centro de Atenção Psíquica Freud Cidadão, uma pregnância do termo “não-binário”. Tal termo é utilizado, como uma espécie de referência para parte desses sujeitos, na tentativa de se localizarem no embaraço da experiência com seu corpo e sua identidade sexual. A questão fica patente, nas falas de uma adolescente de 14 anos em tratamento na instituição, uma menina de nascimento chamada Aline, e que se apresenta com o nome social Nil: – *A minha definição de gênero é bigênero, mas a minha sexualidade é pam. A comunidade bigênero, é uma parte da comunidade trans, que é essa bandeira aqui. O bigênero, você escolhe dois gêneros pra si. Têm dois gêneros*

que você se identifica, tipo o gênero fluido, só que você não flui entre todos, só flui entre dois, é não binário. [...] Imagina um guarda chuva, aí tem o guarda chuva trans, aí ele divide em dois, guarda chuva binário e não binário. O binário são pessoas trans cis, homem e mulher trans, e só. Aí, no não binário, inclui bigênero, gênero fluido, o não binário em si, o agênero, um monte de gênero [...]. Basicamente, a pamssexualidade, você se atrai pela pessoa, pela personalidade, não pelo gênero em si. Tipo foda-se o gênero, você se atrai pela personalidade. O pam é “caiu na vila o peixe fuzila”. Eu escolhi o nome Nil por dois motivos: eu me senti muito confortável, e também porque é um nome que inclui pro feminino e pro masculino, que não muda nada na escrita, por isso que escolhi. Pesquisei nomes não binários na internet, bem aleatório mas me senti confortável com esse [...].

Os sujeitos trans sofrem da inadequação do seu corpo, e não da crença de que eles são de outro sexo. Enquanto isso, o mal viria do Outro, uma vez que eles têm dificuldade de incluir seu corpo em uma sociedade transfóbica com exigências heteronormativas. Esse ideal faz aparecer a série de nomações LGBTQI+ como o contínuo de modos de identificações sexuais não standards, suscetíveis com esse + de se estenderem de maneira indeterminada. Essa justaposição de nomações esconde o caráter descontínuo dos modos de gozo. “O tudo é possível” faz crer na ilusão do contínuo, na performance generalizada, na queerização de toda extensão do sexual.

Teórico dos estudos de gênero, Jay Prosser⁵ (2006 *apud* LAURENT, 2021, p. 177) relativiza essa ilusão, reafirmando que no sexo resta algo de “constativo”. Na linguística e na filosofia da linguagem, os enunciados, ditos constativos, são aqueles que descrevem um estado de coisas. Enquanto o enunciado performativo, por outro lado, designa sentenças que não apenas descrevem a realidade, mas também a modificam. Isto é, são sentenças que, por si só, fazem uma ação. Os enunciados performativos foram, na história da linguística, colocados em oposição aos enunciados constativos. Assim, temos aqueles enunciados que apenas descrevem alguma coisa, e há aqueles enunciados que performam pela própria ação da fala (KUNZ; STUMPF, 2010). A noção de performance é crucial para os estudos de gênero e foi levada ao extremo por Judith Butler. Esta, por sua vez, parece tê-la desenvolvido a partir da referência do linguista John Austin. Para Austin, que propõe dissolver a diferença entre constativo e performativo, toda fala é performativa.

Da clínica

Para ilustrar o caráter descontínuo do gozo, Laurent (LAURENT, 2021, p. 177) cita o exemplo de como as feministas radicais não querem que as mulheres sejam consideradas trans como qualquer outro subgrupo. Elas querem se apoiar à reivindicação feminista enquanto tal. Da mesma forma, algumas organizações homossexuais protestam que querem transformar os homossexuais em trans por preconceito. Existem, portanto, momentos em que o contínuo

5 PROSSER, J. Judith Butler: queer feminism, transgender, and the transubstantiation of sex. In : The transgender Studies reader. New York: Routledge, 2006.

para, e que um subconjunto não fala mais com o outro. Momento em que repreendemos o outro, por querer tocar o núcleo de gozo, que define nosso ser nas questões sexuais. Freud, ao falar do desejo na “Interpretação dos Sonhos”, localizou o que chamou de núcleo do nosso ser *das kern unseres wesen*. Seria uma espécie de caroço, que Lacan repositou no termo de gozo.

Obviamente que existem pontos de aliança possível entre as diversas posições de gozo conflituosas. Mas a politização desses movimentos conduz, frequentemente, a impasses que desvelam o impossível, cujo movimento da política de identidades quer, muitas vezes, recobrir. Esses limites designam, portanto, um real que recusa a se dobrar diante das exigências do acréscimo sem limites.

Em sua entrevista com o escritor Éric Marty, a propósito dos estudos de gênero, Jacques-Alain Miller (MARTY; MILLER, 2021) indica que, ao desprezar a diferença sexual, essa corrente não se resigna, apesar disso, à inexistência estrutural da relação sexual. Sempre se elucubram saídas que desembocam em uma utopia da relação sexual. Esse horizonte utópico pode muito bem ganhar contornos variados, como o de uma abordagem terapêutica única, armada de meios como uma técnica biológica de ponta. É também o que ocorre no desejo de se tornar um homem ou uma mulher real. É por isso que Laurent (2021) aponta nosso interesse de não seguirmos essas utopias sem nos interessarmos pela sua própria loucura.

Os trans trazem consigo uma reivindicação de não discriminação. É preciso apoiar as demandas de não discriminação, mas sem que isso implique nos reduzirmos a uma posição de instrumento ou de entusiastas das novas militâncias de abolição da diferença de sexos. O gozo trans, concebido como um todo fechado sobre uma identidade, implica uma reivindicação. Cada todo quer se fazer admitir como igual a outros. Sustentar a não discriminação não é da mesma ordem que sustentar a reivindicação sem reserva. Laurent esclarece dizendo, por exemplo, que o gozo trans, tal como o gozo trans da mulher trans – em que o homem se identifica a imagem do corpo feminino – que aqui não é propriamente o gozo feminino que está em questão. Já que por definição o gozo feminino não quer se fazer reconhecer como um todo. Uma vez que ele é não representável e refratário ao todo da civilização. Devemos considerar ao mesmo tempo, que as utopias das identidades sexuais não abolirão nunca a inexistência da relação sexual.

Talvez, então, os gozos trans sejam modos de se representar ainda que cada vez mais variados. O gozo feminino, pelo contrário, não se pode nomear. Mas, a partir dessa distinção, será que não poderíamos dizer, então, que o gozo trans seria uma das respostas possíveis no mundo contemporâneo ao irrepresentável desse gozo feminino, esse gozo chamado por Lacan de gozo Outro?

Abstract: This article aims to analyze the transsexual phenomenon in the light of the discourse and contemporary clinical practice of Lacanian psychoanalysis.

Keywords: Jouissance. trans. Sexuation.

Referências

AFLALO, Agnés. Sexualités et symptôme: refoulement, forclusion et démenti. *Lacan Quotidien*. 28 mar. 2021. Disponível em: <<https://lacanquotidien.fr/blog/wp-content/uploads/2021/03/LQ-926.pdf>>. Acesso em: 07 set. 2023.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. *Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais* [recurso eletrônico]: <DSM-5. 5.ed. – Porto Alegre: Artmed, 2014. Disponível em: <https://www.instituto-pebioetica.com.br/documentos/manual-diagnostico-e-estatistico-de-transtornos-mentais-dsm-5.pdf>> Acesso em 7 set. 2023.

Cartórios do Brasil registram 10.314 mudanças de nome após nova lei. *PODER360*. 19 ago. 2023. Disponível em: <<https://shre.ink/UH4r>>. Acesso em: 07 set. 2023.

CFM atualiza regras para aperfeiçoar o atendimento médico às pessoas com incongruência de gênero. *Conselho Federal de Medicina (CFM)*. 09 jan. 2020. Disponível em: <<https://shre.ink/U7kp>>. Acesso em: 07 set. 2023.

CANO-PRAIS, Hugo Alejandro; COSTA-VAL, Alexandre; SOUZA, Érica Renata. *Incongruências classificatórias: uma análise dos discursos sobre as propostas da CID11 em relação às experiências trans**. Scielo: São Paulo. 01 out. 2021. Disponível em: <<https://shre.ink/U77n>>. Acesso em : 07 set. 2003.

LAURENT, Éric. Les questions des enfants trans. IN : ROY, D.; DAMASE, H.; SOKOLOWSY, L. *La sexuation des enfants*. Paris: Navarin éditeur, 2021, p. 158-180.

LAURENT, Éric. Du paradigme trans. *Lacan Quotidien*. 25 abr. 2021. Disponível em: <<https://lacanquotidien.fr/blog/wp-content/uploads/2021/04/LQ-928.pdf>>. Acesso em: 07 set 2023.

MARTY, Éric.; MILLER, Jacques-Alain. Entretien sur Le Sexe des Modernes. *Lacan Quotidien*. 29 mar. 2021. Disponível em: <<https://shre.ink/U7tK>>. Acesso em: 07 set. 2023.

MILLER, Jacques-Alain. Contra-cap. In: LACAN, Jacques. *O Seminário, livro 6: o desejo e sua interpretação (1958-1959)*. Rio de Janeiro: Zahar, 2016.

MILLER, Jacques-Alain. *Jouer la partie*. La Cause Du Désir, n. 105, jul., 2020, p. 27.

PINHEIRO, Chloé. Crianças trans: especialistas falam sobre a disforia de gênero. *Bebê.com.br*. 21 out. 2017. Disponível em: <<https://shre.ink/U78Z>>. Acesso em: 07 set. 2023.

SCHMIDT, Samantha. 1 in 6 Gen Z adults are LGBT and this number could continue to grow. *The Washington Post*. 24 fev. 2021. Disponível em: <<https://lacanquotidien.fr/blog/wp-content/uploads/2021/02/LQ-916.pdf>>. Acesso em: 07 set. 2023.

SOUTO, Luiza. Cresce cirurgia de mudança de sexo. E nova regra pode aumentar os números. *Universonol*. 03 out. 2018. Disponível em: <<https://shre.ink/UH6s>>. Acesso em: 07 set. 2023.

TENDLARZ, Silvia. Enfants trans en Argentine. In: ROY, D.; DAMASE, H.; SOKOLOWSY, L. *La sexuation des enfants*. Paris: Navarin éditeur, 2021, p. 151-157.

KUNZ, Júlio César; STUMPF, Elisa Marchioro. Constatativos e performativos: Austin e Benveniste sobre os atos de fala. *Anais do Sited* – Seminário Internacional de Texto, Enunciação e Discurso. Núcleo de Estudos do Discurso. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2010. Disponível em: <<https://editora.pucrs.br/edipucrs/acessolivre/anais/sited/arquivos/JulioCesarKunzeElisaMarchioroStumpf.pdf>>. Acesso em: 07 set. 2023.





INTERSEÇÃO



Lacan e a configuração borromeana das instâncias RSI – análise de um conto de Clarice Lispector

Guilherme Ribeiro Joaquim¹

Resumo: O percurso da abordagem da obra freudiana, realizado por Jacques Lacan, teve, como um dos produtos teóricos principais, a estrutura borromena materializada em um modelo matemático oriundo da “teoria dos nós”, no qual as instâncias do Real, Simbólico e Imaginário se encontram entrelaçadas. Com base nesse entrelaçamento e na possibilidade de interação entre a psicanálise e a literatura, este artigo traz uma breve análise sobre trechos do conto “Amor”, encontrados na coletânea “Laços de Família”, da autora Clarice Lispector. O objetivo do trabalho é demonstrar a aplicação de um fragmento da teoria lacaniana sobre um objeto de produção artística literária por meio da discussão sobre a relação entre a arte e a teoria psicanalítica. O artigo utiliza como metodologia a revisão bibliográfica do tema e o conclui com a possibilidade de análise do conto em posição de não-saber do analista diante do relatado.

1 Psicanalista. Em formação na ATO – escola de psicanálise.

Palavras-chave: Psicanálise. Literatura. Lacan. Nó borromeu. Imaginário. Simbólico. Real.

Ao longo do percurso, realizado por Jacques Lacan, entre os anos de 1950 e 1970, sobre os textos freudianos, foram tecidos os conceitos das instâncias do Real, do Simbólico e do Imaginário que, entrelaçadas, traçam a posição em que se encontra o sujeito falante em relação a seu desejo.

A linguagem, relacionada ao campo do Simbólico e ferramenta de expressão do eu, embora tal expressão seja repleta de equívocos entre o sujeito consciente e o sujeito inconsciente, permite acessar nuances do sujeito de desejo e foi trazida como elemento central por Lacan, sobretudo no início da jornada de seus seminários, podendo-se tomar como marco teórico a palestra “Função do campo da fala e da linguagem em psicanálise”, publicada como artigo na coletânea “Escritos” (LACAN, 1953-1954).

Interseção

A literatura, como forma de arte a utilizar primordialmente a palavra, permite uma aproximação notável entre a psicanálise e a obra literária produzida. A discussão se delimita pela forma, como tal aproximação será realizada, utilizando-se o texto apenas para confirmar as teorias psicanalíticas ou se extraindo do texto algo de novo que possa contribuir para o arcabouço teórico da psicanálise. A dissertação sobre tal relação é importante, pois a literatura pode se mostrar como ferramenta de aplicação de conceitos teóricos e também como formadora de novos conceitos.

A metodologia adotada consiste na revisão bibliográfica do

tema por meio de livros e artigos já publicados, acesso a sítios da rede mundial de computadores que contenham informações sobre o assunto e a composição argumentativa do material consultado.

O nó borromeano de Jacques Lacan

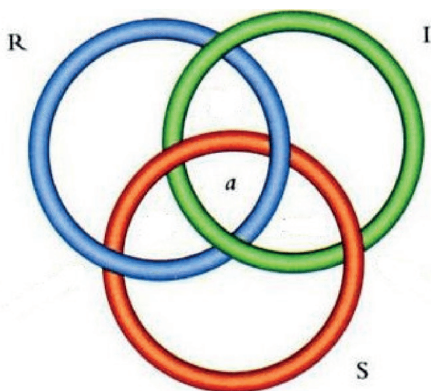
Durante mais de vinte anos, no decorrer de seus estudos, Lacan teceu conceitos sobre o Real, o Simbólico e o Imaginário, afirmando que, apesar de tais instâncias não constarem expressamente na obra freudiana, lá se encontravam de forma subliminar e embrionária. Lacan enfatizou de início a instância do Imaginário, seguido pelo campo do Simbólico, sobretudo com a aproximação de sua teoria ao estruturalismo linguístico de Saussure e ao estruturalismo antropológico de Claude Lévi-Strauss. É, no final da sua jornada, que se encontra o enfoque na instância do Real sob a forma do nó borromeano.

Lacan, em “O Seminário 22: RSI” (1974-1975), demonstra a interação das três instâncias a delinearem a constituição do sujeito, referentes ao campo do Real, do Simbólico e do Imaginário. Tais instâncias, no sujeito neurótico, são amarradas de forma borromeana, denominação originada do brasão da família Borromeo, do norte da Itália, no qual consta o desenho de três aros amarrados de tal forma que, ao se soltar um deles, todos os outros também se soltam. No referido símbolo, cada aro representa uma das famílias, Borromeo, Sforza e Visconti, e o nó, entre eles existente, demonstra a aliança recíproca.

Na realidade, o “nó borromeano” configura um sistema de encadeamento de nós isolados, os chamados nós triviais. Cada um dos aros que o compõem é um nó trivial.

Posteriormente, em “O Seminário 23: o sintoma” (LACAN, 1975-1976), temos o aprofundamento da ideia do nó borromeano como articulador das instâncias RSI. O modelo utilizado tem como origem a “Teoria dos Nós” da matemática e é uma das construções que marcam a fase topológica do ensino de Lacan, ao lado do “Toro” e da “Banda de Moebius”.

Figura 1 – As instâncias RSI enodadas de forma borromeana.



Fonte: CAPANEMA e VORCARO (2017).

A influência da matemática é percebida por meio das diferentes formas que Lacan explica o entrelaçamento dos registros, seja por meio do trançamento, do enodamento de anéis, da geometria da borracha ou da utilização de retas infinitas.

O Real configura tudo aquilo que é da ordem do contingente, do inesperado que pode tanto ser valorado como adversidade, mas também como “bom” ou “agradável”. Mesmo um evento considerado socialmente como desejável, por exemplo, ganhar na loteria, descobrir uma gravidez, que há muito tempo é desejada, pode gerar comoção e desestabilização do indivíduo. Fazendo uma ligação à teoria freudiana, em Freud (1915), o Real corresponderia ao evento que provoca um excesso de excitação do aparelho psíquico e coloca o sujeito diante de uma situação de absoluto desamparo. Exemplificativamente, são da ordem do Real a morte, as epidemias, as forças da natureza, as mudanças drásticas de padrões socioeconômicos, as manifestações do próprio corpo e as intensas comoções sociais como a guerra.

A pulsão, como força constante, percorre os caminhos disponíveis na amarração borromeana de acordo com a constituição do sujeito em determinado momento. Assim, quando o evento do Real é demais, ou seja, quando a intensidade da contingência se sobrepõe, ocorre um transbordamento dessa instância no imaginário, na instância do corpo, traduzindo-se como angústia.

A instância do Simbólico refere-se à estrutura de construções antropológicas que regem o ser humano, como convenções, normas e regras de natureza moral, religiosa e social, sendo que tal estrutura independe do indivíduo e se situa além dele. Compreende a linguagem, o mundo da cultura, das leis e regras sociais. Existe antes do nascimento do indivíduo e permanece após sua morte.

A função do campo Simbólico é relacionada ao furo, que, quando feito no Real, esvazia a angústia. Quando o sujeito passa a articular a linguagem para expressar a angústia, dá-se um contorno ao Real, um furo. A linguagem não diz respeito apenas à linguagem verbal, mas toda forma que o homem encontra para simbolizar, seja por meio da palavra escrita, seja por meio de outros recursos como a música, a dança, a pintura, a religião etc.

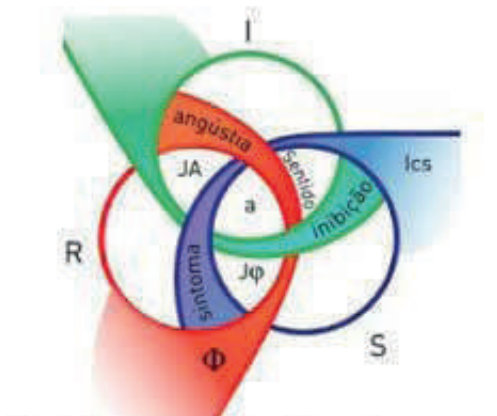
Quando o Simbólico transborda no Real, temos a produção do sintoma. O Simbólico faz furo no Real, mas essa delimitação por ele realizada não segue a lógica consciente, pois há um discurso inconsciente do sujeito da enunciação subjacente ao transmitido pelo sujeito do enunciado. Por isso, o campo do Simbólico ser também referido como o campo do equívoco.

Já o Imaginário compreende a ideia que o sujeito faz de si com referência ao desejo do outro. Deflagrado, no evento que Lacan denominou “Estádio do Espelho” (LACAN, 1949), no qual o bebê se reconhece como unidade independente da mãe, com sua confirmação. Posteriormente, o Imaginário em articulação com o Simbólico, responderá pelas fantasias construídas pelo eu para lidar com o horror diante do Real. O Imaginário busca dar um sentido aos significantes oriundos do Simbólico. Quando o Imaginário transborda no Simbólico, dá-se a inibição.

Faz-se necessário repetir que tais instâncias não atuam de forma isolada, mas, sim, de forma simultânea como de-

monstrado no nó borromeano. As propriedades do nó já evidenciam essa característica. Primeiramente, se um dos aros do nó se solta, todos os outros também estarão livres. Lacan destaca ainda a característica da cardinalidade dos aros, ou seja, não há ordem de importância entre os nós triviais (LACAN, 1974-1975). Da característica da cardinalidade decorre a equivalência, o que permite o intercâmbio entre as instâncias, não havendo a prevalência de um registro sobre o outro, embora cada registro guarde uma função.

Figura 2 – Os transbordamentos das instâncias na amarração borromeana.



Fonte: CAPANEMA e VORCARO (2017).

A estrutura borromeana de três elos é associada a um modelo ideal de constituição do sujeito neurótico. A amarração entre os elos é relacionada à especificidade da constituição de cada indivíduo, sendo possível o surgimento de lapsos nesse enodamento, mais evidentes quando Lacan utiliza o modelo da trança para demonstrá-lo. Para garantir

a unidade do conjunto, vem à suplência o quarto nó que diz respeito ao mais íntimo do sujeito e implica seu sintoma clínico que Lacan denomina “Sinthoma”, tema do “Seminário 23” (LACAN, 1975-1976).

Em análise, o sujeito pode realizar novas configurações dos elos, servindo as intervenções do analista como cortes que permitem um novo ponto de amarração.

As possíveis formas de interação entre literatura e psicanálise

Quando Lacan inaugura sua abordagem aos ensinamentos freudianos, recoloca a palavra como instrumento principal do analista e, como dito anteriormente, a forma de expressão do inconsciente pode se dar por meio da produção artística, sobretudo pela literatura, por utilizar a palavra como instrumento de produção estética e de sentidos.

Há uma discussão acerca da forma pela qual a psicanálise se relacionará com o objeto de produção literária. Conforme trazido por Villari:

As relações entre a Literatura e a Psicanálise pareceram limitar-se, até pouco tempo, a uma relação de mão única, onde o objeto literário suportava o embate da teoria freudiana aplicada. Recorria-se com frequência à Psicanálise, quando o sentido simbólico ou um nível outro de leitura parecia surgir no texto. A Psicanálise apresentava-se como um amplo instrumento interpretativo, servindo como chave crítica do texto literário, pretendendo desvendar o sentido oculto. Desta forma, sobre um objeto – o texto literário – de-

bruçava-se uma teoria que poderia desvelar aspectos de seu enigma. Ou seja, a incógnita do escrito literário era desvendada por uma leitura orientada. (VILLARI, 1997, p. 120).

Inicialmente, a relação entre os dois campos se dava no campo da linguística textual, servindo a psicanálise como anteparo teórico para extração de sentidos do texto. Esse tipo de relação demonstrava certa superficialidade do conceito próprio de interdisciplinaridade, pois não havia uma contribuição mais robusta da teoria psicanalítica ao fazer literário.

Posteriormente, tentou-se extrair do campo literário elementos que pudessem contribuir para a investigação psicanalítica. Ainda segundo Villari:

Assim, vemos como S. Freud inaugura o que nos parece constituir duas vertentes que reduzimos a dois movimentos de investigação trilhados e privilegiados em diferentes momentos históricos. Quer dizer, por um lado parece estabelecer-se entre a Literatura e a Psicanálise uma relação aditiva onde se tenta acrescentar sentidos ao texto literário a partir da interpretação psicanalítica. Por outro lado, vislumbra-se uma atitude que poderíamos chamar de extrativa, interessada em procurar resgatar do literário a particularidade que pudesse nutrir a Psicanálise. A diferenciação que tentamos descrever é complexa, na medida em que não aparece claramente delimitada nos textos de S. Freud. Neles, como já dizemos, ora pretende-se analisar o texto literário, ora servir-se dele enquanto instrumento. (VILLARI, 1997, p. 119).

Colocadas essas duas formas de interação, é importante frisar que no presente artigo não se pretende utilizar o texto literário como forma de extrair conceitos a serem inte-

grados à teoria psicanalítica ou de apenas buscar o sentido do texto com a aplicação da teoria, dissociado da pessoa do autor, do sujeito que escreve.

Pode-se dizer que a mediação simbólica entre o sujeito e a realidade é duplicada em uma obra literária, pois a obra de arte mediatiza o encontro do eu com o Real e, uma obra de arte, realizada por meio da palavra, que, por si só, já se trata de um código que distancia o sujeito da realidade, faz isso de forma duplicada. Assim, a análise de um texto literário pode indicar tanto as nuances das personagens descritas como as do próprio autor do texto.

Ao ler o texto adiante apresentado, percebemos tão claramente o trabalho analítico, realizado pela personagem, que nos indagamos acerca da função desempenhada pela escrita, de verdadeiro ato analítico para a autora Clarice Lispector.

Segundo a autora,

Tanto em pintura como em música e literatura, tantas vezes o que chamam de abstrato me parece figurativo de uma realidade mais delicada e mais difícil, menos visível a olho nu. (LISPECTOR, 1980, p. 59).

É muito presente, nos textos de Lispector, a técnica literária do “fluxo de consciência” consistente na exposição de ideias de forma contínua e aparentemente desconexa, como forma de penetrar na intimidade mais profunda da personagem. Percebe-se que a referida técnica é semelhante à regra, trazida por Freud, para a análise dos neuróticos, denominada “associação livre” (FREUD, 2020).

A proposta que se quer apresentar aqui é de se posicionar, diante do texto analisado, assumindo a posição de analistas e adotando a posição do “não-saber”, de forma a extrair dele uma cadeia de significantes, que, no decorrer da narrativa, pode nos dar pistas da forma como a personagem enoda as instâncias RSI.

É com fundamento na literatura como forma de arte, e na literatura que visa a expressão de discursos do sujeito inconsciente, que este artigo traz um fragmento de um conto denominado “Amor”, da autora Clarice Lispector, publicado pela primeira vez, na coletânea “Laços de Família”, em 1960. Os trechos serão seguidos por breves comentários à teoria lacaniana do RSI e à amarração borromeana.

Amor (Laços de Família) – Clarice Lispector

Um pouco cansada, com as compras deformando o novo saco de tricô, Ana subiu no bonde. Depositou o volume no colo e o bonde começou a andar. Recostou-se então no banco procurando conforto, num suspiro de meia satisfação. Os filhos de Ana eram bons, uma coisa verdadeira e sumarenta. Cresciam, tomavam banho, exigiam para si, malcriados, instantes cada vez mais completos. A cozinha era enfim espaçosa, o fogão enguiçado dava estouros. O calor era forte no apartamento que estavam aos poucos pagando. Mas o vento batendo nas cortinas que ela mesma cortara lembrava-lhe que se quisesse podia parar e enxugar a testa, olhando o calmo horizonte. Como um lavrador. Ela plantara as sementes que tinha na mão, não outras, mas essas apenas. E cresciam árvores. Crescia sua rápida conversa com o cobrador de luz, crescia a água enchendo o tanque, cresciam seus filhos, crescia a mesa com

comidas, o marido chegando com os jornais e sorrindo de fome, o canto importuno das empregadas do edifício. Ana dava a tudo, tranquilamente, sua mão pequena e forte, sua corrente de vida.

Nesse trecho, observamos a personagem Ana em uma atividade corriqueira, tomando o bonde para retornar à sua residência. Enquanto a viagem transcorria, Ana passa a elencar símbolos da sociedade humana que, em sua fantasia, a colocam como supostamente ajustada a um íntimo ideal. Considera-se uma dona de casa diligente, dedicada e tenaz. No mundo de Símbolos que, valorados por uma atitude do Imaginário da personagem, a colocam em uma posição suportável diante do Real do mundo, pode-se elencar a família, a casa, seu trabalho doméstico – exemplificado pelas cortinas que ela mesma fizera, o apartamento que adquiriram de forma parcelada e a sua posição social demarcada quando se refere “às empregadas do edifício”.

Prosseguindo:

Certa hora da tarde era mais perigosa. Certa hora da tarde as árvores que plantara riam dela. Quando nada mais precisava de sua força, inquietava-se. No entanto, sentia-se mais sólida do que nunca, seu corpo engrossara um pouco e era de se ver o modo como cortava blusas para os meninos, a grande tesoura dando estalidos na fazenda. Todo o seu desejo vagamente artístico encaminhara-se há muito no sentido de tornar os dias realizados e belos; com o tempo, seu gosto pelo decorativo se desenvolvera e suplantara a íntima desordem. Parecia ter descoberto que tudo era passível de aperfeiçoamento, a cada coisa se emprestaria uma aparência harmoniosa; a vida podia ser

feita pela mão do homem. No fundo, Ana sempre tivera necessidade de sentir a raiz firme das coisas. E isso um lar perplexamente lhe dera. Por caminhos tortos, viera a cair num destino de mulher, com a surpresa de nele caber como se o tivesse inventado. O homem com quem casara era um homem verdadeiro, os filhos que tivera eram filhos verdadeiros. Sua juventude anterior parecia-lhe estranha como uma doença de vida. Dela havia aos poucos emergido para descobrir que também sem a felicidade se vivia: abolindo-a, encontrara uma legião de pessoas, antes invisíveis, que viviam como quem trabalha – com persistência, continuidade, alegria. O que sucedera a Ana antes de ter o lar estava para sempre fora de seu alcance: uma exaltação perturbada que tantas vezes se confundira com felicidade insuportável. Criara em troca algo enfim compreensível, uma vida de adulto. Assim ela o quisera e o escolhera.

Sua precaução reduzia-se a tomar cuidado na hora perigosa da tarde, quando a casa estava vazia sem precisar mais dela, o sol alto, cada membro da família distribuído nas suas funções. Olhando os móveis limpos, seu coração se apertava um pouco em espanto. Mas na sua vida não havia lugar para que sentisse ternura pelo seu espanto – ela o abafava com a mesma habilidade que as lides em casa lhe haviam transmitido. Saía então para fazer compras ou levar objetos para consertar, cuidando do lar e da família à revelia deles. Quando voltasse era o fim da tarde e as crianças vindas do colégio exigiam-na. Assim chegaria a noite, com sua tranquila vibração. De manhã acordaria aureolada pelos calmos deveres. Encontrava os móveis de novo empoeirados e sujos, como se voltassem arrependidos. Quanto a ela mesma, fazia obscuramente parte das raízes negras e suaves do mundo. E alimentava anonimamente a vida. Estava bom assim. Assim ela o quisera e escolhera O bonde vacilava nos trilhos, entrava

em ruas largas. Logo um vento mais úmido soprava anunciando, mais que o fim da tarde, o fim da hora instável. Ana respirou profundamente e uma grande aceitação deu a seu rosto um ar de mulher.

Nesse trecho, nota-se que traços do Real aparecem para Ana na “hora perigosa da tarde”. No período vespertino, a personagem já tinha realizado seus afazeres e seu local criado na fantasia estava ameaçado. Os móveis já estavam limpos, o marido e os filhos realizavam suas próprias atividades. Novamente Ana recorre aos seus símbolos e ao imaginário para fazer frente ao Real, ao pensar que no dia seguinte os móveis voltariam arrependidos, à noite, as crianças precisariam dela. Interessante notar como a autora traz a metáfora do lavrador e das árvores plantadas que, embora se relacionem a uma atividade iniciada pelo sujeito, desenvolvem-se à revelia dele, denunciando um certo Real incontrolável e caótico que rege o mundo. A metáfora ainda é utilizada, para dizer que Ana sempre tivera a necessidade de sentir a raiz firme das coisas, o que dá a ideia de rigidez da fantasia por ela criada e escolhida para enfrentar os dias que ela própria confessava não serem de uma “felicidade insuportável”.

A autora prossegue:

O bonde se arrastava, em seguida estacava. Até Humaitá tinha tempo de descansar. Foi então que olhou para o homem parado no ponto. A diferença entre ele e os outros é que ele estava realmente parado. De pé, suas mãos se mantinham avançadas. Era um cego. O que havia mais que fizesse Ana se aprumar em desconfiança? Alguma coisa intranquila estava sucedendo. Então ela viu: o cego

mascava chicles... Um homem cego mascava chicles. Ana ainda teve tempo de pensar por um segundo que os irmãos viriam jantar – o coração batia-lhe violento, espaçado. Inclinação, olhava o cego profundamente, como se olha o que não nos vê. Ele mascava goma na escuridão. Sem sofrimento, com os olhos abertos. O movimento da mastigação fazia-o parecer sorrir e de repente deixar de sorrir, sorrir e deixar de sorrir – como se ele a tivesse insultado, Ana olhava-o. E quem a visse teria a impressão de uma mulher com ódio. Mas continuava a olhá-lo, cada vez mais inclinada – o bonde deu uma arrancada súbita jogando-a desprevenida para trás, o pesado saco de tricô despencou-se do colo, ruiu no chão – Ana deu um grito, o condutor deu ordem de parada antes de saber do que se tratava – o bonde estacou, os passageiros olharam assustados. Incapaz de se mover para apanhar suas compras, Ana se aprumava pálida. Uma expressão de rosto, há muito não usada, ressurgia-lhe com dificuldade, ainda incerta, incompreensível. O moleque dos jornais ria entregando-lhe o volume. Mas os ovos se haviam quebrado no embrulho de jornal. Gemas amarelas e viscosas pingavam entre os fios da rede. O cego interrompera a mastigação e avançava as mãos inseguras, tentando inutilmente pegar o que acontecia. O embrulho dos ovos foi jogado fora da rede e, entre os sorrisos dos passageiros e o sinal do condutor, o bonde deu a nova arrancada de partida. Poucos instantes depois já não a olhavam mais. O bonde se sacudia nos trilhos e o cego mascando goma ficara atrás para sempre.

Nesse ponto da narrativa, a personagem é submetida ao encontro com o absurdo, com o Real. E, nesse ponto, também se percebe o não senso do Real, já que é aparentemente um fato trivial e sem correlação – um cego que mascava chicletes –, que promove a desarticulação do sentido dado por Ana à sua vida e ao mundo ao redor.

A grande sensibilidade da narrativa reside na analogia em que pode ser feita entre o cego e Ana. Esta, de fato, mostrava-se cega em relação ao que se situava além da sua posição em uma fantasia que lhe permitia comodamente seguir em meio ao caos. Pode-se dizer que ali os dois estavam cegos tanto Ana quanto o homem que mascava chicletes.

Temos ainda aí a rede com os ovos, rede de tricô tecida por Ana. O nó borromeano tecido por Ana, para sustentar um frágil equilíbrio, este tão frágil quanto as cascas de ovos que se romperam quando a sacola de tricô cai de seu colo. A alusão da rede ao nó, da quebra dos ovos à quebra de ilusões.

Prosseguindo na narrativa:

Mas o mal estava feito. A rede de tricô era áspera entre os dedos, não íntima como quando a tricotara. A rede perdera o sentido e estar num bonde era um fio partido; não sabia o que fazer com as compras no colo. E como uma estranha música, o mundo recomeçava ao redor. O mal estava feito. Por quê? Teria esquecido de que havia cegos? A piedade a sufocava, Ana respirava pesadamente. Mesmo as coisas que existiam antes do acontecimento estavam agora de sobreaviso, tinham um ar mais hostil, perecível... O mundo se tornara de novo um mal-estar. Vários anos ruíam, as gemas amarelas escorriam. Expulsa de seus próprios dias, parecia-lhe que as pessoas da rua eram periclitantes, que se mantinham por um mínimo equilíbrio à tona da escuridão – e por um momento a falta de sentido deixava-as tão livres que elas não sabiam para onde ir. Perceber uma ausência de lei foi tão súbito que Ana se agarrou ao banco da frente, como se pudesse cair do bonde, como se as coi-

...sas pudessem ser revertidas com a mesma calma com que não o eram (...).

Após o encontro com o Real, a rede perde o sentido. Ana não consegue dar sentido ao que passa a sentir. O Real transborda para o Imaginário do corpo, deixando-a angustiada. A rede que antes lhe era familiar, passa agora a ser áspera. “Estar no bonde era um fio partido”. A personagem passa a enxergar um mundo como um lugar hostil, inóspito, de intrusão sensitiva, de caos que era ignorado por todos os cegos ao seu redor, as pessoas que se mantinham por um mínimo equilíbrio à tona da escuridão.

O desarvoramento sentido pela personagem contribui para que estenda às outras pessoas o estado em que ela mesma se encontrava. Antes era cega, agora enxerga algo que sempre estava diante de si, mas que foi subitamente despertado por algo aparentemente aleatório.

A epifania tida por Ana, muito presente nas obras de Lispector, traz a ideia de que, da mesma forma repentina e arrebatadora que a personagem foi colocada diante da sua falta, através de uma nova amarração borromeana, pode-se buscar tamponar esse vazio, o que se infere do trecho em que perceber uma ausência de lei foi tão súbito que Ana se agarrou ao banco da frente, como se pudesse cair do bonde, como se as coisas pudessem ser revertidas com a mesma calma com que não o eram. De fato, ao final do conto, Ana tenta retomar sua posição em sua fantasia construída, como esposa, mãe e dona de casa. Entretanto, alguma coisa já não é mais a mesma.

Abstract: The path of the Freud’s work approach made by Jacques Lacan had, as one of the main products, the borromean structure materialized in a mathematical model that comes from “knot theory”, in which the Real, Symbolic and Imaginary instances are found intertwined. Based on this interweaving and the possibility of interaction between psychoanalysis and literature, this article brings a brief analysis about parts of the tale “Amor” (Love), found in the collection “Laços de Família” (Family Bounds), by the author Clarice Lispector. The goal of this paper is showing the appliance of the lacanian theory’s fragment to a literary artistic creation through a discussion about the relationship between art and psychoanalysis theory. The article uses subject’s bibliographic review method and concludes that there is a possibility of tale’s reviewing likeas if it was a clinical report of the character.

Keywords: Psychoanalysis. Literature. Lacan. Borromean Knot.

Referências

CAPANEMA, Carla Almeida; VORCARO, Ângela Maria Resende. A condição do ser falante no nó borromeano. *Periódicos Eletrônicos em Psicologia*. São Paulo, v. 22, ano 11, n. 2, p. 388-405, 2017. Disponível em: <<https://shre.ink/UHxz>>. Acesso em: 28 nov. 2022.

FREUD, Sigmund. As pulsões e seus destinos (1915). In: _____. *Obras Incompletas de Sigmund Freud*. Belo Horizonte: Autêntica, 2023, p. 15-63.

LACAN, Jacques. O estádio do espelho como formador da função do eu tal como nos é revelada na experiência psicanalítica (1949). In: _____. *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. p. 96-103.

LACAN, Jacques. Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise (1953). In: _____. *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. p. 238-324

LACAN, Jacques. *O Seminário, livro 22: RSI (1974-1975)*. Disponível em: <<http://facebook.com/lacanem-pdf>>. Acesso em: 28 nov. 2022.

LACAN, Jacques. *O Seminário, livro 23: o sinthoma (1975-1976)*. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

LISPECTOR, Clarice. *Para não esquecer*. São Paulo: Círculo do Livro, 1980, p. 59.

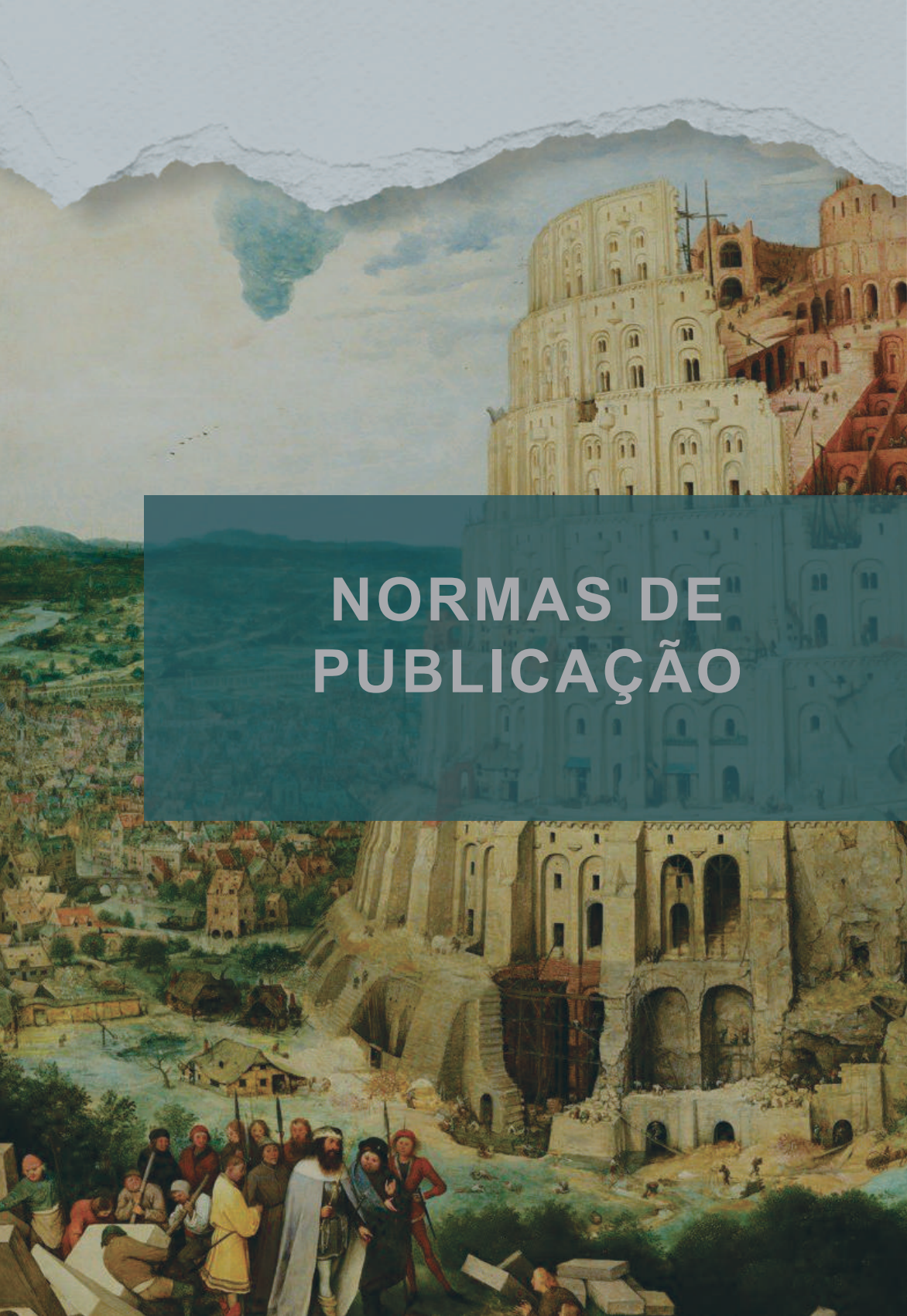
LISPECTOR, Clarice. *Laços de Família*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

VILLARI, Rafael Andrés. Relações possíveis e impossíveis entre a Psicanálise e a Literatura. In: *Anuário de Literatura*, Florianópolis, v. 5, n. 5, p. 117-129, 1997. Disponível em: <<https://shre.ink/UHhd>>. Acesso em: 28 nov. 2022.

Obra consultada

JORGE, Marco Antonio Coutinho. *Fundamentos da Psicanálise de Freud a Lacan: as bases conceituais*. Rio de Janeiro: Zahar, v. 2, 2005.





NORMAS DE PUBLICAÇÃO



Normas de Publicação

As normas de publicação dos artigos da Revista da ATO deverão estar de acordo com a Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), obedecendo à seguinte estrutura:

Digitação do texto

Fonte Arial, corpo 12; espaçamento entrelinhas 1,5; parágrafo moderno (adota margem esquerda para todo o texto, exceto título e nome do autor); texto justificado; parágrafos duplos entre eles; margem esquerda e superior de 3 cm e margem direita e inferior de 2 cm (anverso).

Grafar entre aspas simples: uma citação dentro de outra que está entre aspas duplas.

Grafar entre aspas duplas: títulos de livros, artigos, ensaios, filmes, obras artísticas, palavras de realce, palavras em tom de ironia, títulos de conferências, de jornadas, neologismos etc.

Grafar em itálico: palavras estrangeiras, diálogos, falas e pensamentos de analista/paciente.

Notas de rodapé: grafar na fonte Arial, corpo 10.

Evitar, quando possível, a inserção no texto do “entre parênteses” em orações ou expressões intercaladas e explicativas. Dar preferência ao “travessão”, que é um hífen prolongado, propiciando mais leveza e clareza ao texto.

Padronização na configuração de inserções de poemas, músicas e citações em epígrafes:

1 – Poema ou trecho de poema, trecho de texto literário ou ensaio que estão no início do artigo (à direita), logo após o nome do autor do artigo – em itálico, corpo 10.

2 – Poema ou trecho de poema, trecho de texto literário ou ensaio no corpo do texto do artigo – em itálico, corpo 12.

3 – Trecho de música no início do artigo (depois do nome do autor ou, no máximo, depois de palavras-chave) – em itálico, corpo 10.

4 – Trecho de música no corpo do texto – em itálico, corpo 12.

5 – Epígrafe, mote, citação curta de obra/autor no início do artigo (depois do nome do autor ou no máximo depois de palavras-chave) – em redondo (normal), corpo 10, entre aspas.

Citações

1 – Citação direta e curta

As **citações diretas e curtas** (até três linhas) – que se referem à transcrição literal de textos de outros autores – são inseridas no texto entre aspas duplas, e, logo após, deverão ser informados, dentro de parênteses, o sobrenome do autor em caixa alta, a data de publicação da obra e o número da página. Nas obras de Freud e Lacan, colocar sempre a data de publicação do original.

Exemplo 1:

“É isso que faz a hiância entre a constituição do objeto pri-

vilegiado que surge na fantasia e toda espécie de objeto do mundo dito socializado, do mundo da conformidade” (LACAN, 1961, p. 240).

Exemplo 2:

No texto “O estranho”, de 1919, Freud dirá que “o estranho é aquela categoria do assustador que remete ao que é conhecido, de velho, e há muito familiar.” (FREUD, 1919, p. 238).

Uma **citação dentro de outra citação direta** é indicada por aspas simples.

Exemplo: “Aqui, não se trata do saber inconsciente, mas de um tipo de ‘saber fazer’ que o escravo adquire com seu trabalho” (SOUZA, 2003, p. 110).

2 – Citação direta e longa

As **citações diretas e longas** (mais de três linhas) devem constituir um parágrafo independente, recuado 4 cm da margem esquerda, com corpo 10 e espaçamento 1 entrelinhas, dispensando as aspas. Exemplo:

Esse objeto paradoxal, único, especificado, que chamamos objeto *a* – retomá-lo seria repisá-lo. Mas eu o presentifico para vocês de modo mais sincopado, sublinhando que o analisando diz em suma a seu parceiro, ao analista – Eu te amo, mas, porque inexplicavelmente amo em ti algo que é mais do que tu – o objeto *a* minúsculo, eu te mutilo (LACAN, 1964, p. 254).

3 – Citação indireta

As **citações indiretas** (livre) – que ocorrem quando se re-produzem ideias e informações do documento, sem, entretanto, transcrever as próprias palavras do autor – deverão ser sem aspas, informando o nome do autor em caixa-alta e baixa, por fora dos parênteses e, em seguida, dentro dos parênteses, somente o ano de publicação.

Exemplo: Começo com uma contribuição de Lacan (1948) em sua quinta tese sobre a agressividade; tese que é uma tentativa de revelar o papel da agressividade na neurose moderna e no mal-estar da civilização.

A referência de **citação indireta** pode ocorrer também no **final da frase**, para evitar interrupção na sequência do texto. A referência é inserida entre parênteses, constando o sobrenome do autor em caixa-alta e o ano de publicação.

Exemplo: Conforme Juan Carlos Cosentino, trata-se de uma satisfação que quase sempre prescinde do objeto, que abandona o vínculo com a realidade exterior, em consequência de um estranhamento com relação ao princípio de realidade e um retorno ao princípio de prazer (COSENTINO, 1992).

4 – Citação de citação

A **citação de citação** consiste de informação retirada de um documento consultado, ao qual não se teve acesso à fonte original da citação, mas por meio de outro trabalho que já continha essa citação transcrita. Logo após a citação,

deverão ser informados, dentro de parênteses, o sobrenome do autor do documento não consultado (fonte original), data de publicação, página (caso seja citado o número da página na fonte original), seguido da expressão *apud* (citado por), o sobrenome do autor do documento efetivamente consultado, ano de publicação e número da página.

Exemplos:

1. Nesse ensaio, Freud surpreende-se com a observação de Schelling que diz que: “*unheimlich* seria tudo o que deveria ter permanecido secreto e oculto, mas veio à luz.” (SCHELLING, 1857, p. 649 *apud* FREUD, 1919, p. 282).

Esta forma indica que a citação é de Schelling (presente em sua publicação não consultada de 1857, na página 649), mas foi citada (*apud*) no artigo de Freud (publicado originalmente em 1919, na página 282 de edição mais recente), artigo este consultado pelo autor do trabalho, em edição mais recente.

2. Segundo Brandão (1992, p. 21 *apud* MESQUITA, 1994, p. 6) “[...] Nem sempre se observa a convergência dos objetivos das políticas econômicas.”

Esta forma indica que o trecho citado é de Brandão (1992, p. 21), mas foi lido no trabalho de Mesquita (1994, p. 6), que fez a citação do trabalho de Brandão.

Para a **citação de citação**, os dados do documento original, não consultado, devem vir em nota de rodapé. Já na listagem de referência, no final do trabalho, devem-se incluir os dados completos da obra efetivamente consultada.

Notas de rodapé

Devem ser evitadas, nas normas da Revista da ATO, as notas de referências em rodapé (salvo o documento original, não consultado, da citação de citação). Somente serão inseridas as notas explicativas (referem-se a comentários e/ou observações pessoais do autor). Para fazer a chamada usam-se algarismos arábicos, na entrelinha superior, sem parênteses, após a pontuação da frase (se houver), com numeração consecutiva, evitando-se recomeçar a numeração a cada página. **Para inserir nota de rodapé, ir em “Referências” e, em seguida, clicar em “Inserir Nota de Rodapé”.**

Elementos pré-textuais

Título: grafado em negrito, fonte Arial, corpo 12.

Nome do autor: colocado abaixo do título do artigo, em negrito, fonte Arial, corpo 12, acrescido de nota de rodapé com algarismo arábico.

Resumo: localizado logo após o nome do autor, não deve exceder a 250 (duzentos e cinquenta) palavras.

Palavras-chave: localizadas logo abaixo do resumo, são **separadas entre si por ponto final.**

Elementos textuais

Desenvolvimento do tema com inserção de citações por meio de consulta da literatura com o propósito de esclare-

cer ou complementar as ideias do autor do artigo. A fonte de onde foi extraída a informação deve ser citada obrigatoriamente, respeitando desta forma os direitos autorais.

Elementos pós-textuais

Resumo em língua estrangeira: Abstract, Résumé, Resumen.

Palavras-chave em língua estrangeira: Keywords, Mots-clés, Palabras clave.

Referências

As referências são digitadas na margem esquerda, usando-se espaço simples entrelinhas e dois espaços simples para separar as referências entre si. Adotar o sistema alfabético (ordem alfabética de entrada) para a ordenação das referências.

1 – Livros

1.1 Para obras de Freud (o livro no todo):

FREUD, Sigmund. *Além do princípio de prazer, psicologia de grupo e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 18).

1.2 Para obras de Lacan (o livro no todo):

LACAN, Jacques. *O Seminário, livro 7: a ética da psicanálise (1959-1960)*. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.

1.3 Para livros em geral:

SOBRENOME, Nome (do autor). *Título do livro*. Edição (a partir da 2ª edição). Local (cidade): Editora, ano.

CATÃO, Inês. *O bebê nasce pela boca: voz, sujeito e clínica do autismo*. São Paulo: Instituto Langage, 2009.

2 - Capítulo de livro

SOBRENOME, Nome (do autor do capítulo). Título do capítulo. In: SOBRENOME, Nome (do autor, organizador, editor, etc. do livro). *Título do livro*: subtítulo (se houver). Edição (a partir da 2ª edição). Local (cidade): Editora, ano. volume (v.), capítulo (cap.), páginas (p.) inicial-final.

2.1 Capítulo de livro para livros em geral:

MELGAÇO, Rosely Gazire. E sobre o pai? In: OLIVEIRA, Erika Palato; COHEN, David (org.). *O bebê e o outro: seu entorno e suas interações*. São Paulo: Instituto Langage, 2017. v. 1, p. 47-66.

2.2 Capítulo de livro na obra de Lacan:

LACAN, Jacques. O aturdido (1972). In: _____. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003. p. 448-497.

2.3 Capítulo de livro na obra de Freud:

FREUD, Sigmund. Além do princípio de prazer (1920). In: _____. *Além do princípio de prazer, psicologia de grupo e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. p. 17-85.

(Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 18).

3 - Teses, dissertações, monografias e outros trabalhos acadêmicos:

SOBRENOME, Nome. *Título*: subtítulo. Ano (de apresentação). Número de folhas/páginas ou volumes. Tipo de trabalho (categoria e área de concentração) – Nome da Faculdade, Nome da Universidade, Cidade, Ano (de defesa).

Obs.: Se estiver em formato eletrônico, acrescenta-se, ao final: Disponível em: <www. ...>. Acesso em: dia, mês (abreviado conforme a ABNT) e ano.

(Exemplo fictício)

SILVA, João. *Pontuação*: o jogo da construção de sentido. 2010. 199 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.

4 – Trabalhos publicados em anais de congressos e eventos congêneres:

SOBRENOME, Nome. Título do trabalho: subtítulo. In: NOME DO CONGRESSO, número (do congresso), ano, Local de realização (Cidade). *Título da publicação* (Anais..., Atas...). Local de publicação (Cidade): Editora, ano. páginas (p.) inicial-final do trabalho.

Obs.: Se estiver em formato eletrônico, acrescenta-se ao final: Disponível em: <www. ...>. Acesso em: dia, mês (abreviado conforme a ABNT) e ano.

(Exemplo fictício)

PLISS, Nonna. Comunicação organizacional hoje: nada será como antes. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 3., 2009, Curitiba. *Anais...* Curitiba: UEPR, 2009, p. 144-157.

5 – Artigos científicos de revistas:

SOBRENOME, Nome. Título do artigo. *Nome do periódico*, Cidade, volume (se houver), ano (ano III), número (da edição da revista), página inicial-final (do artigo), mês (ou meses, ou indicação de semestre – se houver) ano (de publicação).

Obs.: Se estiver em formato eletrônico, acrescenta-se, ao final: Disponível em: <www. ...>. Acesso em: dia, mês (abreviado conforme a ABNT) e ano.

NASCIMENTO, Maria Aparecida Oliveira. O desejo do analista como operador lógico e o espaço de ex-sistência. *Revista on-line da ATO – escola de psicanálise*, Belo Horizonte, ano III, n. 2, p. 69-74, 2016. Disponível em: <http://www.atoescoladepsicanalise.com.br/revista_ato/ano3_n2/#p=68>. Acesso em: 20 mar. 2016.

6 – Artigos de jornal:

SOBRENOME, Nome (do autor do artigo). Título do artigo. *Título do jornal*, Local (cidade), dia, mês (abreviado conforme a ABNT) e ano. Número ou título do caderno, seção ou suplemento, páginas inicial-final (do artigo).

Obs.: Se estiver em formato eletrônico, acrescenta-se, ao final: Disponível em: <www. ...>. Acesso em: dia, mês (abreviado conforme a ABNT) e ano.

(Exemplo fictício)

TEZZI, Manir. Novos ventos na economia. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 7 set. 2011. Economia e negócios, p. 15-17.

7 – Autores citados em anotações pessoais:

ANOTAÇÕES do *Seminário Abordagem topológica da presença do analista*, coordenado por Arlete Campolina, Belo Horizonte, 2016.

Obras consultadas:

Caso o autor do artigo tenha consultado outras fontes de informação, bibliográficas e não bibliográficas, que serviram de orientação editorial para seu texto, mas que **não** estão presentes como referências de citações diretas ou indiretas no corpo do texto, essas fontes devem ser relacionadas, em separado, como “**Obras consultadas**”, logo após o elemento pós-textual “**Referências**”.

